

UNIVERSIDADE FEEVALE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS

**CÁTIA ALESSANDRA FLESCH**

***COWORKING DA INDÚSTRIA CRIATIVA***

Novo Hamburgo

2018

**CÁTIA ALESSANDRA FLESCH**

**COWORKING DA INDÚSTRIA CRIATIVA**

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Feevale.

Professores: Alexandra Staudt Follmann Baldauf  
Carlos Henrique Goldman

Orientador: Graziela Rossatto Rubin

Novo Hamburgo  
2018

“Lembra-te que és mortal.”

Mário Sérgio Cortella

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>TEMA E JUSTIFICATIVA</b>	<b>8</b>
2.1	TEMA	8
2.2	JUSTIFICATIVA	8
2.3	POTENCIAL PARA NOVO HAMBURGO	9
<b>3</b>	<b>CONCEITOS</b>	<b>13</b>
3.1	CONSUMO COLABORATIVO X ECONOMIA COMPARTILHADA	13
3.2	ESPAÇOS COMPARTILHADOS	15
3.2.1	<i>Coworking</i>	15
3.2.2	Perfil do <i>coworker</i>	18
3.3	INDÚSTRIA CRIATIVA	20
3.3.1	Economia criativa	22
<b>4</b>	<b>MÉTODO DE PESQUISA</b>	<b>24</b>
4.1	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	24
4.2	ENTREVISTA	25
4.3	ESTUDO DE CASO	26
4.4	QUESTIONÁRIO	30
<b>5</b>	<b>ÁREA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>33</b>
5.1	LOTE E ENTORNO	33
5.1.1	Diretrizes para escolha do lote	33
5.1.2	Levantamento topográfico e fotográfico do lote	34
5.1.3	Levantamento de usos, atividades e alturas do entorno	37
5.1.4	Fluxo viário e infraestrutura do entorno	38

5.1.5	Legislação vigente e regime urbanístico	39
5.1.6	Análise das variáveis bioclimáticas	40
<b>6</b>	<b>PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS E FORMAIS</b>	<b>41</b>
6.1	PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS	41
6.1.1	Centro Coworking Nagatino 2.0	41
6.1.2	Hubba-to Co-working	44
6.2	PROJETOS REFERENCIAIS FORMAIS	48
6.2.1	Leawood Speculative Office	48
6.2.2	Casa Pátio	51
<b>7</b>	<b>LEGISLAÇÃO E NORMAS TÉCNICAS</b>	<b>53</b>
7.1	NBR 9050/2015 - ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, MOBILIÁRIO, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS	53
7.2	NBR 9077/2001 - SAÍDA DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS	55
7.3	NBR 5626/1998 - INSTALAÇÃO PREDIAL DE ÁGUA FRIA	58
7.4	CÓDIGO DE EDIFICAÇÕES DE NOVO HAMBURGO	59
<b>8</b>	<b>PROPOSTA DE PROJETO</b>	<b>60</b>
8.1	PÚBLICO ALVO	60
8.2	PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO	60
8.2.1	Espaços de trabalho	61
8.2.2	Espaços de aprendizado	61
8.2.3	Espaços de descanso	62
8.2.4	Espaços de serviço	62
8.2.5	Pré-dimensionamento	63
8.3	ORGANOFLUXOGRAMA	64
8.4	MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS	64

8.4.1	Estrutura Metálica	65
8.4.2	Paredes em <i>Dry Wall</i>	66
8.4.3	Piso elevado	67
8.4.4	Fachada Ventilada	67
8.5	INTENÇÕES DE PROJETO	68
8.5.1	Despertar a curiosidade e instigar a criatividade	68
8.5.2	Conceito	69
8.6	HIPÓTESES DE OCUPAÇÃO	70
<b>CONCLUSÃO</b>		<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>		<b>73</b>
<b>APÊNDICES</b>		<b>78</b>
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO INDÚSTRIA CRIATIVA		78
APÊNDICE B - ENTREVISTA COM O SR. WALKER MASSA		79
APÊNDICE C - REPRESENTAÇÃO DO CONCEITO		80

## 1 INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos podemos observar a evolução da sociedade e seus indivíduos, buscando inovação e soluções mais criativas no seu dia a dia. As pessoas optam, cada vez, mais por alternativas adaptáveis para quase todas suas funções diárias, visando maior dinamismo e flexibilidade. Na economia, isto não é diferente. Os espaços de trabalho precisam estar sempre atualizados, ofertando possibilidades ao trabalhador e ao cliente, adaptando-se a suas necessidades e providenciando ambientes de trabalho adequados.

Os espaços compartilhados aparecem como solução simples e eficaz para pessoas que buscam ambientes dinâmicos e criativos. São uma alternativa acessível e atrativa ao trabalhador, principalmente na indústria criativa, por deixá-lo se apropriar do espaço da forma que necessitar, dividindo-o com outros profissionais da área. Esse modo de trabalho gera troca de conhecimentos e experiências, colaborando de forma positiva para a economia e para a qualidade do trabalho. Para toda essa demanda, os espaços de trabalho precisam se adaptar, provendo suporte aos profissionais e clientes, tornando-se assim, facilitador para novas economias e novos negócios.

Esta pesquisa foi estruturada com o objetivo de investigar as formas de trabalho na indústria criativa e buscar maneiras de instigar a criatividade no ambiente de trabalho. Além disso, buscou-se entender os conceitos de consumo e economia colaborativa, espaços compartilhados e da própria indústria criativa, relacionando estes conceitos entre si. O objetivo deste estudo é buscar conhecimento para criar um espaço que proporcione ambientes favoráveis de estímulo da criatividade e do *networking*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Networking*, segundo Gibson *et al* (2014), é “um tipo de comportamento que visa metas e objetivos dentro e fora da empresa, focando em criar, cultivar e utilizar-se das relações interpessoais no trabalho” (tradução da autora).

## 2 TEMA E JUSTIFICATIVA

O tema proposto para esta pesquisa e, posteriormente, para o Trabalho Final de Graduação é um *Coworking da Indústria Criativa*. A motivação para investigar este tema surgiu da observação da necessidade de espaços compartilhados e dinâmicos voltados para negócios criativos na região metropolitana de Porto Alegre e, também, por motivação e interesse pessoal da autora.

### 2.1 TEMA

Cada vez mais, o ser humano busca estar conectado compartilhando ideias, material e conteúdo, e essa maneira de relação entre as pessoas chegou no mercado de trabalho. Segundo Rodrigues *et al* (2001), os espaços de trabalho estão sofrendo mudanças, e muito em função do avanço tecnológico e da atuação mais criativa dos profissionais.

Assim, espaços compartilhados, como os *coworkings*, têm ganhado espaço no mercado, principalmente no campo da economia criativa. Estes espaços propiciam maior interatividade e troca de conhecimento entre os profissionais, possibilitando novos negócios entre seus frequentadores, uma vez que todos possuem interesses similares e clientes com perfis muito parecidos (LEFORESTIER, 2009).

Através da investigação sobre o estímulo da criatividade nos ambientes de trabalho, propõe-se o projeto *Coworking* da Indústria Criativa em Novo Hamburgo/RS, cidade localizada na região metropolitana de Porto Alegre. O projeto pretende atender a cidade de Novo Hamburgo e, também, a região metropolitana como um todo, buscando suprir a falta de espaços especializados na região.

### 2.2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema *Coworking* da Indústria Criativa se dá pela observação da necessidade de espaços compartilhados na cidade de Novo Hamburgo, especialmente dedicados à indústria criativa. Atualmente, não há espaços de trabalho específicos para indústria criativa na cidade, apesar do crescimento destas atividades na região e no estado. Com isso, vê-se a potencialidade de inovação, fornecendo um espaço mais específico para realização das atividades da indústria criativa.



No mapeamento de estados com presença da indústria criativa, na região sul, o Rio Grande do Sul é o segundo maior presente (FIRJAN, 2014). E Novo Hamburgo é a terceira maior cidade dentro do estado com presença de atividades da indústria criativa (FEE, 2013).

A economia e a indústria criativa se relacionam entre si por meio do envolvimento com as práticas criativas. Comparando suas definições, conforme Firjan (2014), pode-se perceber que práticas criativas precisam de ambientes de trabalho específicos, que instiguem, principalmente, a criatividade.

Percebendo-se esta necessidade e, comparando-a com a situação atual dos espaços que oferecem o serviço de *coworking*, nota-se a importância da criação de espaços dedicados à indústria criativa, unindo profissionais e estudantes (gerando maior capital e conhecimento).

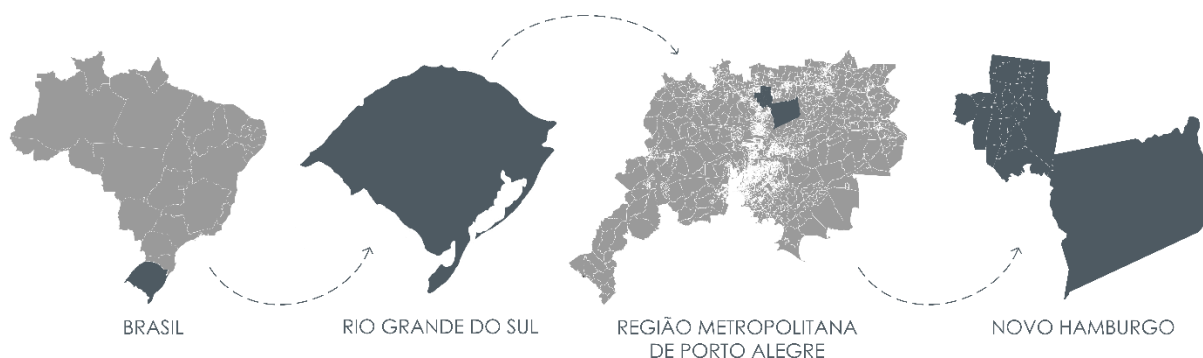
O *coworking* também auxilia com a questão ambiental, uma vez que, os usuários ao invés de estarem em seus escritórios isolados, com infraestrutura e equipamentos funcionando para cada um deles, no *coworking* estão todos usufruindo de uma única instalação, evitando desperdícios e sendo assim, uma prática sustentável (OLIVEIRA, 2017).

No decorrer desta pesquisa, irá se investigar modos de acentuar a criatividade no ambiente de trabalho, proporcionando espaços de criação de conteúdo e inspiração, atrativos para os profissionais da área. Além disso, irá se percorrer os conteúdos paralelos ao tema, buscando conceituar e entender assuntos complementares para formatar a proposta.

### 2.3 POTENCIAL PARA NOVO HAMBURGO

A cidade de Novo Hamburgo localiza-se na região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, situada a 42 km da capital (Figura 1). Proveniente da colonização alemã, Novo Hamburgo teve sua ocupação territorial iniciada em 1824 e emancipou-se de São Leopoldo em 1927.

**Figura 1 - Localização da cidade de Novo Hamburgo no contexto do entorno**



Fonte: Autora (2018)

Com a implementação da linha férrea no início do século XX, que ligava Novo Hamburgo à capital, a cidade se torna ponto comercial e industrial (MANETI; JÚNIOR; DUARTE, 2013). A expansão econômica, que acontece principalmente por conta do setor calçadista (SELBACH, 2009) aumentou a demanda de trabalhadores neste e em outros setores, o que atraiu muitos imigrantes, predominantemente, do interior do estado (MANETI; JÚNIOR; DUARTE, 2013). Conseqüentemente, cresceu o número de indústrias em Novo Hamburgo, sendo na década de 40, sua economia predominante, sendo chamada de “cidade industrial”.

A partir da década de 60, com o potencial aumento da mão de obra e conseqüentemente, da produção, iniciou-se o ciclo de exportação calçadista, conquistando o mercado internacional (ARAÚJO e SCHEMES, 2009). Por intermédio das relações com o exterior, deu-se o aumento da capacidade e da demanda de produção, bem como melhoria dos recursos para desenvolvimento do calçado na cidade. Por mais que o setor calçadista se caracterizasse como uma atividade industrial, havia a presença da arte e criatividade no desenvolvimento do projeto e criação das peças (PMC, 2016).

Diante da característica predominantemente industrial, atualmente, a cidade encontra-se entre os municípios do estado com maior presença de atividades relacionadas à indústria criativa (FIRJAN, 2014). Atividade mais dinâmica do que as práticas industriais, utilizando a criatividade e o capital intelectual como insumos primários de trabalho (UNCTAD, 2010).

Observando a evolução das economias predominantes em Novo Hamburgo (industrial e criativa) e do número de profissionais neste mercado (Figura 2), pode-se

buscar e estratégias para fomentar novos negócios provenientes desta evolução, incentivando-a a crescer exponencialmente.

Um dos maiores indicadores do potencial para Novo Hamburgo sediar um *Coworking* com instalações voltadas à indústria criativa é o fato de a cidade possuir sedes de universidades em seu território, como exemplo, a Universidade Feevale. De acordo com o Plano Municipal de Cultura de Novo Hamburgo (2016), a cidade tem de se beneficiar da universidade por seu perfil de ensino voltado à Economia da Cultura<sup>2</sup> e à Economia Criativa.

**Figura 2 - Segmentos e o número de profissionais criativos em Novo Hamburgo/RS**

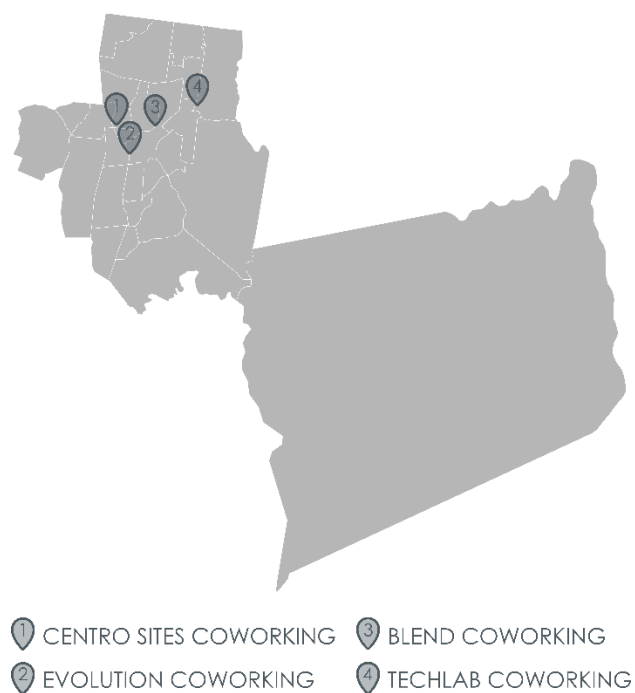
<b>Segmentos</b>	<b>Número</b>
Arquitetura e Engenharia	95
Audiovisual	116
Artes Cênicas	9
Biotecnologia	36
Design	403
Editorial	225
Expressões Culturais	32
Moda	394
Música	16
Patrimônio e Artes	29
Pesquisa e Desenvolvimento	125
Publicidade	213
TIC	362
<b>Total</b>	<b>2055</b>

Fonte: Firjan (2016) *apud* PMC (2016), adaptado pela autora (2018)

Além disso, o Plano Municipal de Cultura (2016) salienta a importância da inclusão de espaços voltados às práticas da economia criativa no planejamento da cidade de Novo Hamburgo, fomentando este mercado e encaminhando o crescimento da economia no âmbito criativo. Outro ponto importante, além do planejamento de espaços específicos à economia criativa, é o incentivo à capacitação dos profissionais da área (PMC, 2016). Portanto observa-se a necessidade de espaços para aprendizado e ateliês de produção no espaço *coworking* a ser proposto.

<sup>2</sup> Entende-se por Economia da Cultura atividades econômicas provenientes de valores e conhecimentos culturais de toda uma sociedade, produzindo bens materiais e imateriais, criativos e artísticos, capazes de criação de riqueza e renda (UNESCO, 2005 *apud* Guilhoto, 2012).

**Figura 3 - Espaços de coworking na cidade de Novo Hamburgo**



Fonte: *Google Maps*, adaptado pela autora (2018)

Por fim, analisando os espaços de *coworking* na cidade de Novo Hamburgo, (Figura 3), observa-se que eles são em número reduzido, e nenhum deles possui instalações voltadas à indústria criativa. Portanto, através das informações coletadas, considera-se a cidade de Novo Hamburgo como um local com potencial para o desenvolvimento de um *coworking* voltado às práticas da indústria criativa.

### 3 CONCEITOS

Para melhor compreensão e entendimento do tema a ser proposto, fez-se necessário pesquisar conceitos complementares ao projeto de *coworking* pretendido. Buscou-se conhecer outras modalidades de espaços compartilhados, conceitos de consumo, economia e também, as práticas da indústria criativa. Em suma, os conceitos que envolvem os espaços de *coworking* são bastante amplos, e serão sintetizados a seguir.

O objetivo da conceituação é entender muitos dos processos que vieram a constituir a criação e a procura por espaços de *coworking*. No decorrer desta pesquisa, verifica-se que sua consolidação no mercado acontece pelo fato de o *coworking* ser além de apenas um espaço físico, mas um fenômeno proveniente de diversos fatores econômicos e sociais representados em forma de arquitetura.

#### 3.1 CONSUMO COLABORATIVO X ECONOMIA COMPARTILHADA

A necessidade de consumir nos acompanha desde os primórdios. Inicialmente este consumo traduzia apenas a real necessidade de bens para a sobrevivência. Com a evolução da indústria e do comércio e, principalmente, a partir do século XX, consumir bens e serviços tornou-se um desejo, satisfazendo muito além das necessidades básicas do ser humano (L.M. SILVEIRA *et al*, 2016).

Porém, estas práticas consumistas - apesar de movimentarem a economia - se tornarão insustentáveis em um futuro próximo, por conta do uso desenfreado dos recursos naturais, do desperdício e falta de sustentabilidade nas práticas de produção e consumo (BRADSHAW & BROOK, 2014; WWF, 2012; DAUVERGNE, 2010 *apud* L.M. SILVEIRA *et al*, 2016). Com as recentes crises, grande parte da população vem buscando alternativas para escapar de gastos excessivos provenientes dos costumes consumistas. Além disso, há uma crescente preocupação com o futuro do planeta, fazendo as pessoas optarem por práticas mais sustentáveis.

Segundo Belk (2014) *apud* Oliveira (2017), é comum haver confusão entre consumo colaborativo e economia compartilhada, justamente pela palavra “compartilhada”. O compartilhamento é algo similar a emprestar, ato no qual não se espera retorno financeiro quando realizado. Como por exemplo, emprestar uma caneta a alguém, ou oferecer carona (BENKLER, 2004 *apud* OLIVEIRA 2017). Porém

no caso de atividades com fins lucrativos, encaixam-se o compartilhamento de posses, espaços, habilidades, objetos, etc. (QUINSON, 2015), muito impulsionados pelas práticas *online* e mercados *peer-to-peer*<sup>3</sup> (OLIVEIRA 2017).

Já as atividades nas quais os recursos, bens e serviços são garantidos apenas perante troca monetária, enquadra-se o consumo colaborativo (BELK, 2014 *apud* OLIVEIRA 2017). Este modelo econômico se caracteriza pelos alugueis, comércios, trocas e compartilhamentos, que não mudam os produtos que consumimos, mas a forma que o fazemos (QUINSON, 2015). E de acordo com Botsman e Rogers (2011), está se buscando cada vez menos os objetos em si, mas sim as experiências fornecidas e necessidades supridas por eles, desmaterializando o consumo. Exemplos de consumo colaborativo, são: *car-sharing* (Uber), *cohousings* (hostel), *bike sharing* (empréstimo de bicicletas), *time banks* (troca de habilidades em comunidades), etc. Outros exemplos de consumo colaborativo são os espaços de trabalho compartilhados, mais especificamente, os *Coworkings* (QUINSON, 2015). É a este modelo de consumo e economia que irá se direcionar esta pesquisa.

Analisando literaturas específicas, Oliveira (2017) aponta que os fatores que mais levam as pessoas ao consumo colaborativo são: **sustentabilidade, benefícios econômicos, conveniência e experiência.**

**Sustentabilidade**, pois as pessoas estão utilizando do mesmo espaço, reutilizando recursos, diminuindo o desperdício e diminuindo o impacto ambiental. **Benefícios econômicos**, uma vez que o usuário irá investir o valor fixo estipulado pelo proprietário do espaço, sem precisar participar dos custos de manutenção que devem ser administrados pelo proprietário (MOELLER E WITTOWSKI, 2010 *apud* OLIVEIRA, 2017). **Conveniência**, quando os usuários, cientes do esforço econômico e temporal de se adquirir um espaço próprio, preferem a comodidade de ocupar um espaço compartilhado (SEIDERS et al, 2007 *apud* OLIVEIRA, 2017). A **experiência** oferecida nesses espaços, que é divertida e agradável, fazendo o usuário conviver com diferentes pessoas (OLIVEIRA, 2017).

Segundo Botsman e Rogers (2011), ao analisar o consumo colaborativo, observa-se que ele possui quatro princípios: massa crítica, capacidade ociosa, crença no bem comum e confiança entre desconhecidos. A **massa crítica** compreende o

---

<sup>3</sup> Transação e comercialização de bens e serviços entre indivíduos (*peers*), geralmente por intermédio de plataformas online, mantida e gerida por terceiros (BOTSMAN & ROGERS, 2011; DERVOJEDA *et al.*, 2013; PIZAM, 2014 *apud* OLIVEIRA, 2017).

equilíbrio entre oferta e demanda, fazendo com que o consumo atinja seu público alvo, deixando-o satisfeito com a aquisição. A **capacidade ociosa** das coisas, no consumo colaborativo, vira oportunidade para negócios, redistribuindo o que está sobrando aos que precisam delas. Utilizando-se do consumo colaborativo, gera-se valor para outras pessoas, configurando a **crença no bem comum**. E para que funcione como um sistema organizado, precisa-se da **confiança entre estranhos**, uma vez que utilizam bens comuns.

Dentro do consumo colaborativo encontram-se as práticas de *coworking*, categorizadas por Botsman e Rogers (2011) como “estilo de vida colaborativo”. Segundo os autores, este tipo de consumo consiste na partilha de bens não tangíveis como espaço, habilidades, tempo, entre outros. É neste contexto que se encaixam os espaços compartilhados, e dentre estes, os espaços de *coworking*.

### 3.2 ESPAÇOS COMPARTILHADOS

Segundo Jackson (2013) e Campos *et al* (2015), há diversos tipos de espaços de trabalho compartilhados, como por exemplo: *Labs*, *University Labs*, Incubadoras, *Home Office*, *Coffee Shop*, Coletivos, *Lab Coworking* (*coworking* para a inovação), *coworking spaces*, *corpworking*, *coworking kids*, *street coworking*, *school coworking*, *university coworking*, *parklets coworking*. Porém, o objetivo desta pesquisa é estudar e compreender os *coworkings*.

#### 3.2.1 *Coworking*

Conforme citado no item 3.2, entre o vasto número de espaços compartilhados existentes, se destaca a modalidade *coworking spaces* ou somente *coworking*. Estes são ambientes de trabalho estruturados como escritórios comuns, porém com o compartilhamento de infraestrutura, mobiliário, endereço, e despesas gerais (locação, *internet*, serviço de telefonia, etc.) (LEFORESTIER, 2009; CAMPOS *et al*, 2015; FOST, 2008).

Segundo Botsman e Rogers (2011), as práticas de *coworking* surgiram em 2005, na cidade de São Francisco, quando o programador *freelancer*<sup>4</sup> Brad Neuberg

---

<sup>4</sup> *Freelancer* é o profissional autônomo e independente, o qual guia seus próprios trabalhos e projetos, ou vinculado a empresas, porém sem contrato formal.

saiu de uma grande empresa para iniciar sua carreira. Experimentando novas formas de trabalhar, Neuberg tentou trabalhar em sua casa (*home-office*<sup>5</sup>), porém sentia-se isolado. Tentou então trabalhar em um café, porém o local era muito agitado e barulhento. Havia a necessidade de um meio termo: concentrar-se no trabalho, porém sem estar totalmente isolado, ou seja, mantendo as relações interpessoais que acontecem no espaço de trabalho. Tentando resolver a problemática, uniu três conceitos fundamentais na programação de *softwares*, os quais poderiam ser aplicados no ambiente de trabalho: comunidade, criatividade e estrutura (BOTSMAN; ROGERS, 2011).

Conversando com colegas de profissão, Neuberg percebeu que a demanda por um espaço diferenciado de trabalho era comum entre todos eles. Por conta disso, alugaram um espaço, adquiriram uma infraestrutura básica de escritório – *internet*, impressora, espaço para reuniões – e assim, começou a prática do *coworking*. Com o tempo, outros profissionais da área, e de outras áreas totalmente distintas, uniram-se para compartilhar da estrutura de escritório dinâmico desenvolvida, pagando apenas pelo correspondente ao tempo que haviam usufruído do espaço (BOTSMAN; ROGERS, 2011).

Ainda de acordo com Botsman e Rogers (2011), os *coworkers* definem o espaço de trabalho compartilhado com descrições “emotivas”. É como se o *coworking* fosse além de um espaço físico, uma vez que estes combinam características de espaços de trabalho (produtividade, funcionalidade, produção) e de espaços mais descontraídos, como cafés (socialização, criatividade, interação), nas suas dependências (BOTSMAN; ROGERS, 2011). Nos espaços de *coworking* a maioria das pessoas estão trabalhando intelectualmente “isoladas”, porém fisicamente unidas (Figura 4).

---

<sup>5</sup> *Home-office* - também conhecido como escritório doméstico - é uma modalidade de trabalho na qual o profissional trabalha diretamente de sua casa, seja vinculado a uma empresa ou não. É uma modalidade recente, e bastante proveniente das novas tecnologias, como o telefone celular, o computador e a *internet* (SEBRAE, s/d).



**Figura 4 - Gráfico representando as ideias de trabalhar sozinho, trabalhar junto, e a mescla dos dois: o espaço *coworking*.**



Fonte: Dream Weaver Team (2018)

Com o objetivo de entender melhor sobre o assunto, analisou-se as pesquisas realizadas pela revista alemã *Deskmag*, a qual realiza estudos, quantifica e analisa dados sobre espaços de *coworking*, anualmente, no mundo inteiro. Analisando os dados de pesquisas dos anos de 2015 a 2018 (Figura 5), prevê-se que o número de espaços de *coworking* no mundo cresça em até 213%, com a presença de mais dez mil novos espaços, em apenas três anos.

**Figura 5 - Número de espaços de *coworking* no mundo**



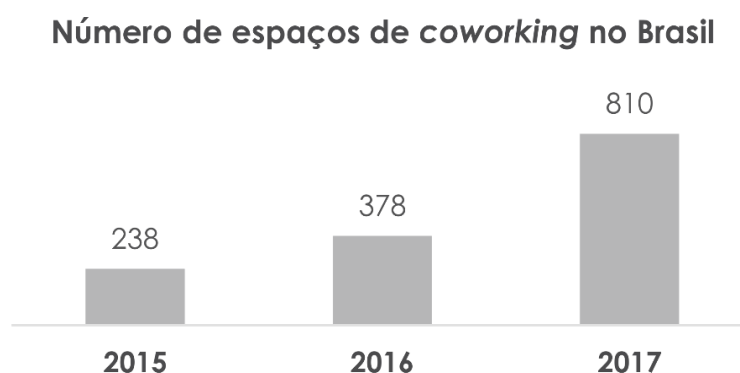
Fonte: Deskmag (2018), adaptado pela autora (2018)

Segundo Medina e Krawulsk (2016), as práticas de *coworking* ainda são bastante recentes no Brasil e os primeiros espaços começaram a surgir por volta do ano de 2007. Desde então, os administradores de *coworkings* promovem oferecer espaços com baixo custo de uso e com infraestrutura para atender um público mais seletivo: pequenos empreendedores e empresas, *freelancers*, novos empresários, etc.

Por conta da recente implementação de espaços compartilhados no mercado, principalmente no Brasil, os estudos acerca deste tema são bastante escassos e, muitas vezes, comparados ao mercado econômico externo (ISNARD *et al*, 2017).

Dada a falta de informações e com o intuito de quantificar e analisar o fenômeno do *coworking* no país, foi criado em 2011 o grupo e *website* Coworking Brasil. O grupo originou-se da união de fundadores de espaço de *coworking* no Brasil. No *website* é possível encontrar ferramentas úteis e dicas para empresários que desejam empreender no mercado de espaços de trabalho compartilhados. Além disso, são disponibilizadas atualizações anuais de dados quantitativos sobre os mesmos, as quais são compiladas em um censo anual sobre *coworkings* no Brasil.

**Figura 6 – Número de espaços de *coworking* no Brasil**



Fonte: Coworking Brasil (2017), adaptado pela autora (2018)

Analisando os dados fornecidos pelo Censo Coworking Brasil dos anos 2015 a 2017, (Figura 6), observa-se o crescimento do número de espaços de *coworking* no Brasil. Estes dados indicam o potencial investimento neste mercado, bem como a necessidade e oportunidade de estudar mais sobre este assunto, para entender melhor este fenômeno e sua projeção no futuro.

### **3.2.2 Perfil do *coworker***

Segundo Leforestier (2009), os espaços de *coworking* são dedicados aos profissionais solitários que estejam buscando socializar com outras pessoas. E o objetivo do *coworking* é justamente criar um senso de comunidade entre seus usuários, fazendo com que cada *coworker* divida seu talento e compartilhe suas ideias, pensando no bem comum.

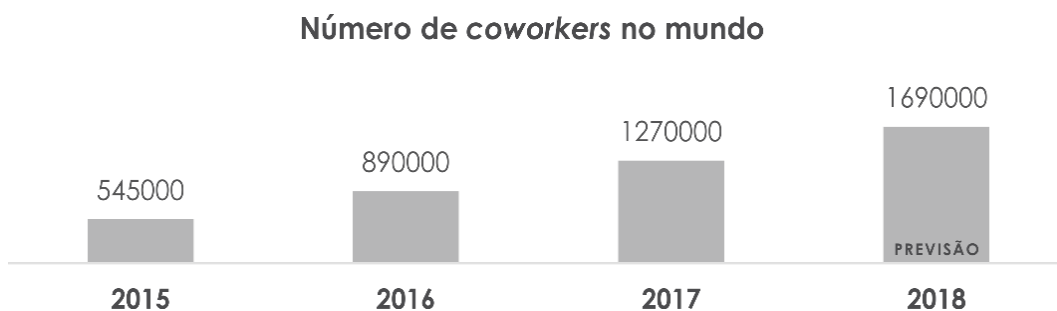
A maioria dos *coworkers* tende a escolher espaços compartilhados por serem pessoas “criativas demais” para os ambientes de trabalho convencionais, os quais, na maioria das vezes, são espaços com caráter corporativo (LEFORESTIER, 2009). Conforme analisado por Leforestier (2009), uma pesquisa realizada pelo *Wiki of Co-Working* sobre o que os *coworkers* buscam no espaço compartilhado, demonstrou que estas pessoas priorizam os aspectos coletivos do *coworking* (atmosfera do local, espírito de comunidade) acima de questões individualistas (privacidade, silêncio). Estas buscam se beneficiar da característica de compartilhamento presente nos *coworkings* para impulsionar sua criatividade e espírito de inovação (LEFORESTIER, 2009).

Com o intuito de conhecer melhor o perfil dos usuários que frequentam espaços de *coworking*, analisou-se uma pesquisa realizada pela revista alemã *Deskmag* em 2017, realizada no âmbito mundial. A pesquisa foi respondida por 1876 usuários de *coworking* de todo o mundo, objetivando traçar o perfil do *coworker*. Com os resultados, percebeu-se que a maioria dos usuários é do sexo masculino, tem entre 30 e 39 anos, 41% deles é *freelancer* e 82% possui ensino superior completo.

No cenário nacional, foi realizada uma pesquisa promovida pela Movebla em 2014, respondida por 118 *coworkers*. Conforme revelado na pesquisa, 67% dos *coworkers* eram homens e 33% eram mulheres. A maioria dos usuários possuíam ensino superior completo e tinham entre 29 e 36 anos. Dentre os participantes, 47% eram empresários e 62% deles ampliou sua rede de contatos (*networking*) desde seu ingresso no espaço de *coworking* (MOVEBLA, 2014).

Dados mais recentes no âmbito mundial, com previsões e tendências para o ano de 2018 já estão sendo levantados, e estima-se que o número de *coworkers* no mundo irá crescer exponencialmente, conforme ilustrado na Figura 7, com dados da pesquisa realizada pela *Deskmag* (2018).

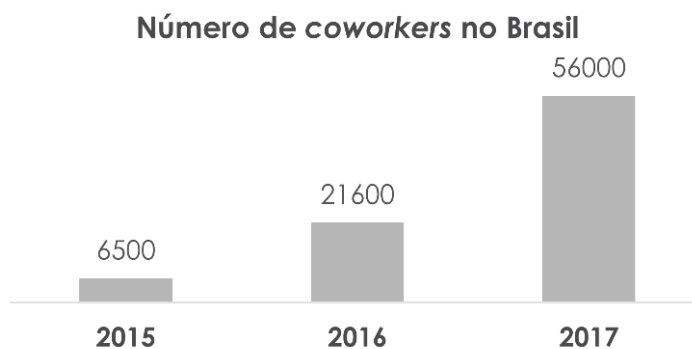
**Figura 7 - Número de *coworkers* no mundo**



Fonte: Deskmag (2018), adaptado pela autora (2018)

Estudos semelhantes são realizados no Brasil anualmente, com o intuito de mapear e acompanhar o crescimento do número de espaços de *coworking* no país.

**Figura 8 - Número de *coworkers* no Brasil**



Fonte: Coworking Brasil (2017), adaptado pela autora (2018)

Desenvolvido pelo grupo Coworking Brasil, com dados aproximados, o estudo revela o aumento do número de *coworkers* no Brasil. Conforme se observa na Figura 8, analisando-se dados de 2015 a 2017, a quantidade de *coworkers* aumentou em até oito vezes. E este número tende a aumentar, comparando-se os dados quantitativos sobre *coworkers* com as projeções de *coworkings* no Brasil analisadas no item 3.2.1 desta pesquisa.

### 3.3 INDÚSTRIA CRIATIVA

Ao se pesquisar sobre indústria criativa, encontra-se diversas definições para este setor, sendo considerada uma prática econômica e cultural. Bendassolli (2009)

realiza uma análise acerca de sua definição, unindo seis autores com publicações sobre o tema. O autor conclui que nas definições há a predominância da criatividade, da qual deriva a propriedade intelectual, sendo então, passível de ser comercializada.

Segundo Bendassolli *et al* (2009), o termo “indústrias criativas” aparece pela primeira vez no ano de 1990, para descrever áreas de negócios provenientes de práticas criativas. Este conceito surgiu quando houveram mudanças no setor de serviços, fazendo com que se investisse mais em atividades baseadas no conhecimento do que em atividades industriais, por conta de alterações econômicas e sociais da época (BENDASSOLLI *et al*, 2009). Segundo o *Creative Economy Report*, desenvolvido pela Unesco (2013), o termo “indústrias criativas” é aplicado a um setor produtivo bastante amplo, o qual produz bens e serviços provenientes da indústria da cultura e dependentes da inovação.

Na economia de hoje, a criatividade é generalizada e contínua: estamos sempre revendo e aprimorando cada produto, cada processo e cada atividade imaginável, e integrando-os de novas maneiras. Além disso, a criatividade tecnológica e econômica é fomentada pela criatividade cultural e interage com ela (FLORIDA, 2011).

Unindo as descrições de indústria criativa por Bendassolli *et al* (2009) e pela Unesco (2013), pode-se concluir que esta prática é proveniente da criatividade, gerando bens e serviços que se apropriam da propriedade intelectual como um produto.

De acordo com Firjan (2014), costuma-se associar o trabalho e os profissionais criativos apenas à ambientes considerados criativos, como estúdios de design e agências publicitárias. Porém, a classe criativa e o trabalho criativo encontram-se em diversas áreas de atuação do mercado e da economia. Mais precisamente, 80% da classe criativa encontra-se em áreas fora das normalmente consideradas “empresas criativas” (FIRJAN, 2014).

Segundo Firjan (2014), a indústria criativa teve início no Brasil em 2004 e, em 10 anos, cresceu 90%, abrangendo, atualmente, 1,8% do total de trabalhadores no país. Pode ser dividida em quatro segmentos de áreas criativas: Consumo, Cultura, Mídias e Tecnologia, (Figura 9). O setor de consumo foi o que mais cresceu entre 2013 e 2014, dobrando o número de empregos formalizados, principalmente nas áreas da publicidade e do design.

**Figura 9 - Fluxograma dos segmentos da indústria criativa no Brasil**



Fonte: Firjan (2014), adaptado pela autora (2018)

Para o desenvolvimento desta pesquisa e, posteriormente, para o Trabalho Final de Graduação, irá se considerar apenas o segmento de consumo da indústria criativa, conforme dividido por Firjan (2014), abrangendo as áreas: arquitetura, design, moda e publicidade.

### 3.3.1 Economia criativa

Segundo Chammas (2016) “a economia criativa é propagadora do desenvolvimento sustentável e da proliferação de talentos individuais”, sendo diferente da economia convencional (industrial, por exemplo), por possibilitar novas oportunidades, de forma mais ágil e com menores custos.

Atividades relacionadas à criação, produção e comercialização de conteúdos intangíveis e culturais em sua natureza, protegidos pelos direitos autorais e que podem tomar a forma de bens e serviços. São intensivos em trabalho e conhecimento e estimulam a criatividade e incentivam a inovação dos processos de produção e comercialização (UNESCO, 2013).

Conforme analisado no item 3.1 desta pesquisa, por intermédio do consumo colaborativo, atualmente as pessoas estão mudando a forma como consomem bens e serviços. Segundo Chammas (2016), o mercado percebeu este comportamento e está precisando se adequar às demandas dos consumidores. Uma das áreas da economia criativa que procuram se adaptar aos interesses das pessoas é o design, cuja premissa é o potencial do trabalho em conjunto, do qual pode-se extrair talentos e habilidades da equipe, maximizando-os ainda mais (CHAMMAS, 2016).

**Figura 10 - Definições de Economia Criativa e Indústrias Criativas, segundo UNCTAD (2010)**

Definição da Unctad para Economia Criativa	Definição da Unctad para as indústrias criativas
A economia criativa é um conceito em evolução baseado em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento econômico	As indústrias criativas:
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É um conjunto de atividades econômicas baseadas em conhecimento, com uma dimensão de desenvolvimento e interligações cruzadas em macro e micro níveis para a economia em geral;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ São os ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ela abraça aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com objetivos de tecnologia, propriedade intelectual e turismo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Constituem um conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente geram receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ela pode estimular a geração de renda, a criação de empregos e a exportação de ganhos, ao mesmo tempo que promove inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Constituem produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É uma opção de desenvolvimento viável que demanda respostas de políticas inovadoras e multidisciplinares, além de ação interministerial;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Posicionam-se no cruzamento entre os setores artísticos, de serviços, e industriais;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ No centro da economia criativa, localizam-se as indústrias criativas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Constituem um novo setor dinâmico no comércio mundial;</li> </ul>

Fonte: UNCTAD (2010), *apud* Barcellos (2015)

Para comparar e diferenciar economia e indústria criativa, pode-se observar a Figura 10. Segundo a Unctad (2010), a economia criativa é oriunda da indústria criativa, valendo-se dela para criar um mercado econômico, cultural e social de desenvolvimento.

## 4 MÉTODO DE PESQUISA

Para reunir informações e dados, no desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados os métodos de revisão bibliográfica em artigos científicos e de periódicos, além de livros, *websites* e legislações pertinentes aos temas investigados.

Com o intuito de complementar as informações teóricas encontradas nas pesquisas, realizou-se um estudo de caso no Nós Coworking, um espaço compartilhado bastante conceituado, localizado em Porto Alegre/RS. O objetivo deste estudo foi conhecer o ambiente, seu *layout*, a organização administrativa do *coworking*, reconhecimento das estratégias de projeto, além de analisar seu programa de necessidades.

Foi realizada também uma pesquisa em forma de questionário, respondido por 156 profissionais da indústria criativa no segmento de consumo (arquitetura, design, moda e publicidade). A finalidade deste questionário foi entender se há, de fato, pertinência na implementação de um espaço *coworking* direcionado a este setor da economia.

No decorrer desta pesquisa, serão apresentados também projetos referenciais análogos e formais, os quais foram analisados com o intuito de recolher informações e impressões sobre os ambientes que serão propostos posteriormente na disciplina do Trabalho Final de Graduação. Neste método, utilizou-se como estudo projetos considerados de arquitetura exemplar.

### 4.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se estudos de revisão bibliográfica sobre os conceitos de consumo colaborativo e economia compartilhada, analisando suas semelhanças e diferenças, percorrendo conceitos fundamentais para entender a fundamentação dos espaços de *coworking*. Além disso, apresentou-se conceitos mais específicos, como espaços compartilhados, oriundos do consumo colaborativo e da economia compartilhada.

Após entender o fenômeno do compartilhamento e seu reflexo na arquitetura por meio de espaços de uso compartilhado, estudou-se a economia e a indústria criativa. Estas, utilizam-se da criatividade em suas práticas e estão em ascensão no mercado.



Todos os conteúdos abordados fundamentam-se na revisão bibliográfica realizada por meio de artigos científicos e de periódicos, além de livros, *websites* e leis que percorrem estes assuntos.

## 4.2 ENTREVISTA

Visando conhecer o mercado de *coworking* sob a perspectiva de um empreendedor, entrevistou-se o Sr. Walker Massa, idealizador e cocriador do Nós Coworking, cujo projeto será analisado no item 4.3 desta pesquisa. O contato de convite para entrevista foi feito na Universidade Feevale, onde o entrevistado esteve presente para participar de um debate sobre Economia Criativa. As perguntas completas da entrevista foram enviadas por *e-mail* (Apêndice B).

Escolheu-se entrevistar o Sr. Walker Massa, primeiramente, por sua participação na concepção do Nós Coworking, um espaço de *coworking* bastante conceituado na cidade de Porto Alegre/RS. E também por sua atuação na área de gestão e administração de empresas e empreendedorismo, demonstrando sua experiência e conhecimento no âmbito.

Segundo Massa (2018), o público que mais procura o Nós Coworking abrange profissionais liberais e *startups*, principalmente da área de tecnologia e design.

Dentre as questões levantadas, perguntou-se sobre tópicos de ambiente físico e de qualidades intangíveis do *coworking*. Segundo ele, os maiores benefícios de se trabalhar em um *coworking* é a interdisciplinaridade oferecida pelo espaço, o que favorece o potencial de inovação nos negócios e projetos. E sobre o espaço mais importante do *coworking*, ele diz ser um conjunto: de espaços compartilhados, favorecendo o *networking*; espaços compartimentados, para as pessoas que buscam maior concentração; e espaços que favoreçam a interação entre os usuários. Quando questionado sobre espaços extra que adicionaria ao *coworking*, ele responde sobre outro viés: “espaços onde eu adicionaria um *coworking*”.

A última questão, foi a sua opinião sobre o que seria indispensável para um *coworking* com instalações voltadas ao público da indústria criativa. A resposta foi uma das mais relevantes para a pesquisa, pois segundo Massa (2018):

Acho que não necessariamente é um detalhe arquitetônico. (Não que não seja relevante) Mas acima de tudo são as conexões com mercado. O potencial de mentorar quem o co-habita. Acho que a economia criativa, como

é chamada também, tem no seu nome a solução. Precisamos levar criatividade para a economia. E o inverso também (economia para a criatividade). Todos sairiam ganhando.

Por fim, a entrevista realizada complementou o estudo de caso feito no item a seguir, por possuírem o foco no mesmo espaço de trabalho.

#### 4.3 ESTUDO DE CASO

No dia 23 de março de 2018, realizou-se uma visita ao Nós Coworking, situado no complexo do Shopping Total, na Avenida Cristóvão Colombo, no bairro Floresta, em Porto Alegre/RS. Na data, o *coworking* funcionava normalmente, com *coworkers* trabalhando e atendimentos sendo realizados. A visita foi guiada pela *hostess* do local, a Sra. Nikole Gabbardo, cujo atendimento foi bastante receptivo e esclarecedor sobre a história e funcionamento do local.

**Figura 11 - Edifício do Shopping Total**

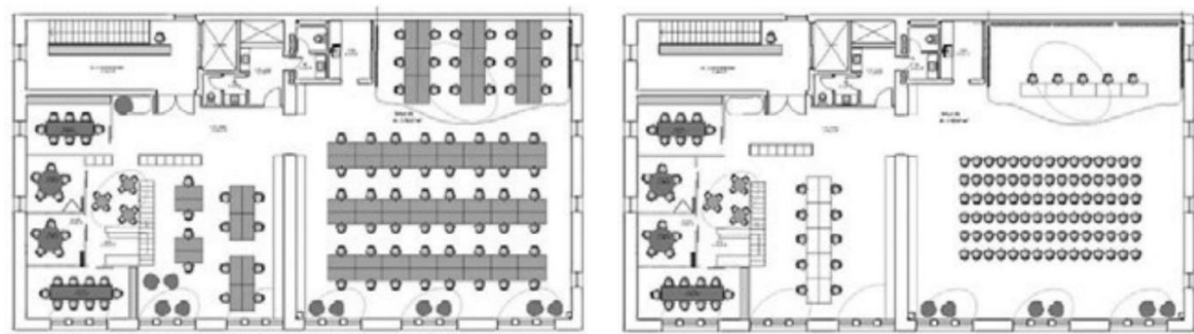


Fonte: Autora (2018)

O prédio do Shopping Total, no qual localiza-se o Nós Coworking, possui instalações em uma edificação anexa à antiga Cervejaria Bopp Irmãos. Sua inauguração deu-se em 27 de outubro de 1911, e nesta época foi considerado o maior edifício em concreto armado construído no Brasil (SHOPPING TOTAL, 2018). Em 2003, após reformas, foi inaugurado novamente como *shopping center*, mantendo o

caráter histórico da edificação, porém alterando alguns elementos de seu interior. O *coworking* utiliza da infraestrutura do Shopping Total, como por exemplo o estacionamento e serviços paralelos (cafés, lojas, etc.).

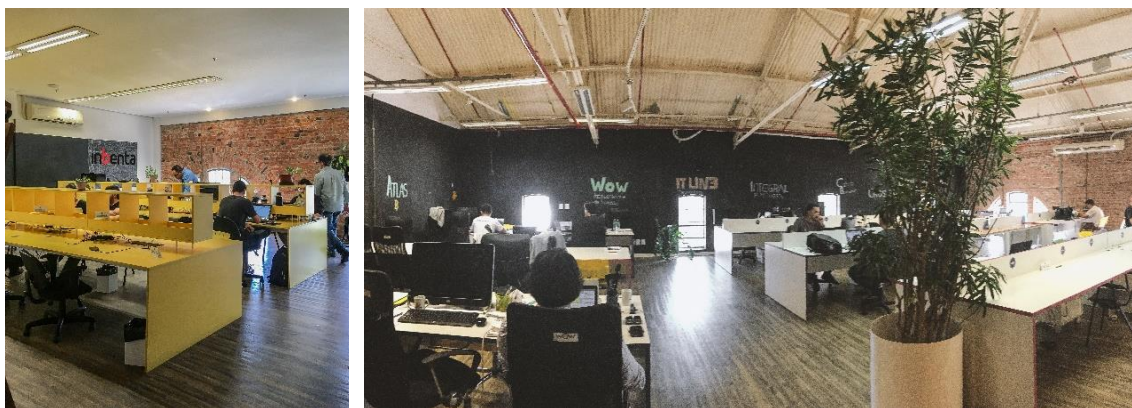
**Figura 12 – Opções de *layout* na mesma planta-baixa**



Fonte: Edelweiss (2013) adaptado pela autora

O Nós Coworking localiza-se no terceiro pavimento do Shopping Total, e possui 100 estações de trabalho, das quais 78 estão locadas.

**Figura 13 – Espaços de trabalho do *Coworking***



Fonte: Autora (2018)

Apesar de o *layout* padrão acomodar este número de estações de trabalho, por conta da flexibilidade do mobiliário e do espaço interno, é possível transformá-lo para abrigar eventos, servindo como um auditório, conforme visualiza-se na Figura 12 e respectivamente na Figura 14.

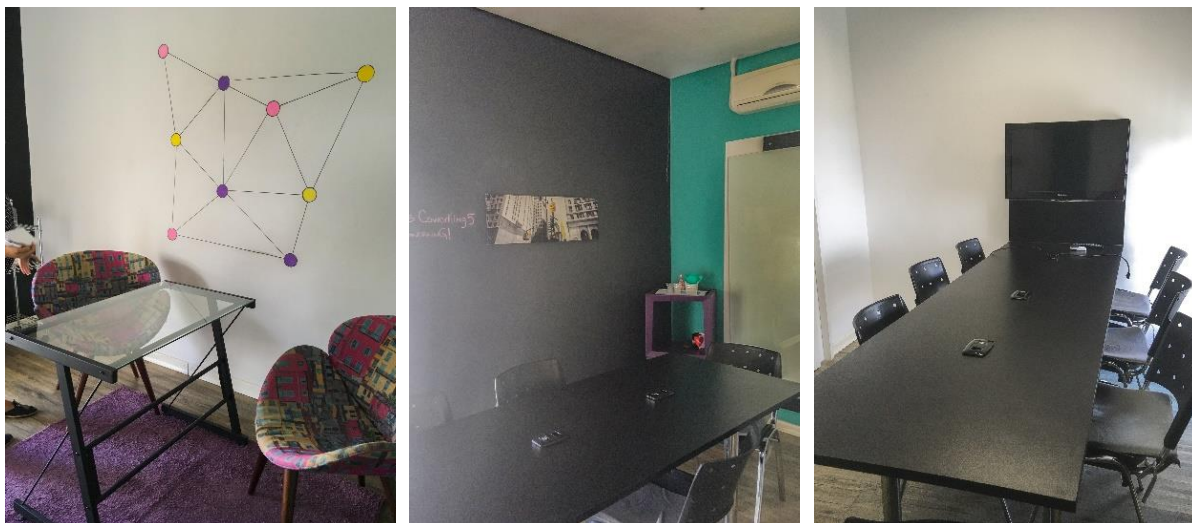
O *coworking* possui dois espaços com estações de trabalho, (Figura 13). Um deles possui, em média, 20 estações de trabalho, e o outro, o restante das estações.

**Figura 14 – Espaço multiuso**

Fonte: Vocal entre amigos (2011)

Segundo a Nikole, a maioria dos espaços locados, atualmente, são ocupados por empresas e/ou autônomos que alugam por hora ou então com pacotes de, no máximo, 6 meses. Porém, há também estações de trabalho com empresas incubadas, as quais alugam em média 10 estações de trabalho para acomodar seus funcionários enquanto trabalham em Porto Alegre. Essa prática acontece bastante quando uma empresa está testando o mercado em uma cidade e, para isso, envia funcionários para experimentarem e vivenciarem a possível nova localidade de atuação.

Além dos espaços de trabalho, o Nós Coworking possui três tipos de salas de reunião: pequena (2 a 4 pessoas), média (6 a 8 pessoas) e grande (até 10 pessoas), conforme se observa na Figura 15. As salas menores, segundo a Nikole, são bastante procuradas por pessoas externas ao *coworking*. Segundo ela, muitos profissionais, como psicólogos e advogados procuram estas salas por possuírem um caráter mais “íntimo”. Ou seja, quem não trabalha regularmente no *coworking* também pode acessar aos serviços, de forma flexível.

**Figura 15 – Salas de reunião do Nós Coworking**

Fonte: Autora (2018)

Finalizando a visita, conheceu-se o quadro de empresas que formam o Nós Coworking atualmente (Figura 16). No momento, são empresas de várias áreas de atuação, porém com predominância das práticas criativas. Esta multidisciplinaridade favorece bastante o *networking*, sendo muito bem-vindo em projetos de espaços compartilhados. Segundo a Nikole, é muito comum que aconteça a troca de informações e experiências entre os *coworkers*, pois muitas vezes as áreas de atuação dependem uma das outras para funcionar.

Por fim, conheceu-se também a copa e cozinha do local. O *coworking* possui parceria com uma empresa de cafés, a qual disponibiliza insumos para a cozinha, sendo também um atrativo para os *coworkers*, que se sentem mais confortáveis e acolhidos no espaço (Figura 16). Durante a visita foi possível observar os *coworkers* utilizando do espaço da cozinha, e interagindo entre si neste espaço, por ser mais descontraído e informal.

Figura 16 – Espaços de uso comum



Fonte: Autora (2018)

Com a visita ao Nós Coworking, juntamente com o auxílio da Nikole, foi possível conhecer e entender melhor os processos para projetar e administrar um espaço de *coworking*. O estudo de caso realizado auxiliou no desenvolvimento do programa de necessidades e algumas diretrizes para o projeto do Coworking da Indústria Criativa, proposto nesta pesquisa e, posteriormente, no Trabalho Final de Graduação.

#### 4.4 QUESTIONÁRIO

Com o objetivo de compreender os espaços de *coworking* sob a perspectiva dos profissionais da indústria criativa e *coworkers*, realizou-se uma pesquisa com estes profissionais. As perguntas (Apêndice A) foram feitas por meio de um questionário desenvolvido com a ferramenta *Google Forms* e disponibilizado *online* nas redes sociais.

O público alvo foram os profissionais da indústria criativa dentro do segmento de consumo (arquitetura, design, moda e publicidade). O questionário foi respondido por 156 profissionais, e destes 89% são da arquitetura, 7% são do design, 1% são da moda e 3% da publicidade.

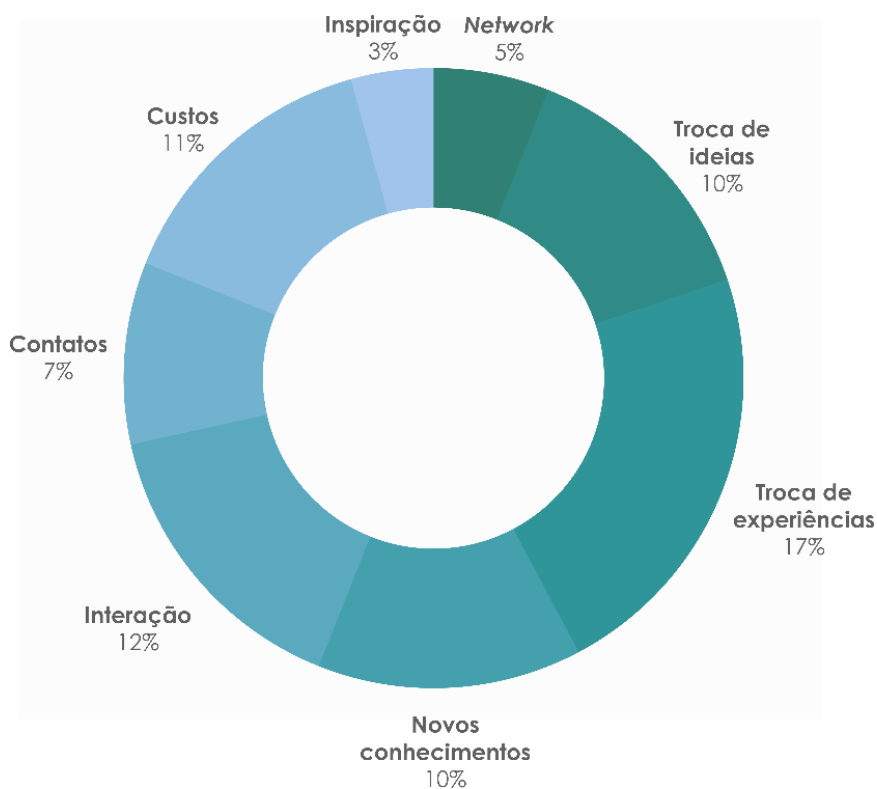
As perguntas foram aplicadas com o intuito de investigar se estes profissionais são a favor de dividir o espaço de trabalho com outros profissionais de áreas semelhantes, e/ou se já o fizeram anteriormente. Além disso, buscou-se saber se estes profissionais trabalhariam em um *coworking* específico para a indústria criativa.

Do total de participantes, 55% já trabalharam com outros profissionais da indústria criativa e 45% nunca trabalharam. Destes, 96% trabalhariam com outros profissionais do segmento.

Dos 156 participantes do questionário, 10% já trabalhou em espaços de *coworking*. Para estes, perguntou-se o que mais gostaram neste tipo de espaço e por quais motivos. A maioria dos participantes mencionou o *networking*, a troca de ideias e experiências que estes espaços proporcionam, bem como a vantagem de dividir os custos com outros *coworkers* na utilização dos espaços de trabalho.

Para quem nunca trabalhou em espaços compartilhados, perguntou-se se o fariam e por quais motivos. A maioria respondeu sobre a possibilidade de interação entre os usuários do espaço e sua importância. A interação entre os profissionais da indústria criativa traz vários benefícios aos projetos e uma rica troca conhecimentos e experiências no *coworking*.

Concluindo a análise do questionário, uniu-se as palavras mais utilizadas nas respostas sobre os espaços de *coworking* (Figura 17). A maioria dos participantes compreendem o *coworking* como uma prática colaborativa e benéfica para seus negócios e projetos, bem como para o crescimento pessoal.

**Figura 17 - Gráfico das palavras mais utilizadas nas respostas do questionário realizado**

Fonte: Autora (2018)

Por fim, questionou-se sobre a possibilidade de trabalhar em um *coworking* com instalações voltadas às práticas da indústria criativa. Ou seja, se os participantes frequentariam um espaço de trabalho compartilhado com outros profissionais da área, promovendo o *networking*, parcerias e troca de experiências. Sendo este, um espaço para instigar a criatividade dos usuários. Do total de participantes, 95% responderam que trabalhariam em um *Coworking* da Indústria Criativa.



## 5 ÁREA DE INTERVENÇÃO

Após pesquisas sobre conceitos paralelos às práticas de *coworking* e à indústria criativa, foi possível arrecadar informações importantes para a concepção de um espaço de *coworking*. Com base no que foi estudado, escolheu-se um lote para a intervenção e desenvolvimento do partido arquitetônico, conforme será apresentado a seguir.

### 5.1 LOTE E ENTORNO

O lote escolhido para o projeto do *coworking* localiza-se na cidade de Novo Hamburgo/RS, cuja potencialidade e justificativa da escolha foram apresentadas no capítulo 2 desta pesquisa. Para melhor compreensão acerca das características da área de intervenção, serão analisados o entorno do lote e o regime urbanístico incidentes sobre o mesmo, além das informações bioclimáticas e topográficas do local.

Com todas as informações recolhidas, juntamente com as análises de projetos referenciais análogos e formais, estudos de caso e programa de necessidades, será possível tomar decisões de projeto mais embasadas e seguras.

#### 5.1.1 Diretrizes para escolha do lote

Para escolha do lote traçou-se algumas diretrizes, como se pode observar na Figura 18. As principais diretrizes traçadas são as que tangem a localização do lote, visando implementar o *coworking* entre a Universidade Feevale e o centro da cidade, trazendo uma boa visibilidade ao empreendimento e proporcionando fácil acesso aos estudantes e trabalhadores. Além disso, na escolha valorizou-se a importância da orientação sul do lote, local onde, posteriormente, serão posicionados os ambientes de estudos e trabalho, necessitando ser de baixos ruídos.

**Figura 18 - Diretrizes para escolha do lote**

Fonte: Autora (2018)

Partindo destas diretrizes, analisou-se a cidade de Novo Hamburgo por meio de mapas e encontrou-se dez lotes que cumpriam os requisitos estabelecidos. Dentre estes lotes, filtrou-se a pesquisa, reduzindo a análise a três lotes. Com isso, criou-se uma tabela para verificar as diretrizes e quais requisitos eram preenchidos pelos lotes escolhidos e poder comparar qual a melhor opção para área de intervenção (Figura 19).

**Figura 19 - Tabela de lotes**

LOTE	LOCALIZAÇÃO	INFRAESTRUTURA	ACESSO VEÍCULOS	ACESSO PEDESTRES	PONTOS DE ÔNIBUS	TRANQUILIDADE	ORIENTAÇÃO (CONFORTO)	ÁREA ADEQUADA
EUCLIDES DA CUNHA	●		●	●	●	●		
NICOLAU BECKER	●	●	●	●	●			
ONZE DE JUNHO	●	●	●	●	●	●	●	●

Fonte: Autora (2018)

Após cruzar os dados, escolheu-se o lote localizado na Rua Onze de Junho, esquina com a Rua Vinte e Quatro de Maio, no Bairro Operário. Este bairro possui residências e comércios de porte médio, não costumando ter prédios de atividades industriais. Decidiu-se por este lote pois ele cumpre todas as diretrizes estipuladas e será melhor explicado nos itens a seguir.

### 5.1.2 Levantamento topográfico e fotográfico do lote

O lote escolhido possui uma área total de 947,10 m<sup>2</sup>, testada de 36,73 m e demais dimensões, conforme a Figura 20.

**Figura 20 - Localização do lote e gabarito do entorno**



Fonte: PMNH (2018), adaptado pela Autora (2018)

Conforme verificado no *Google Earth* e em visitas prévias ao local, no lote havia uma edificação, porém, em meados de 2016, a edificação foi demolida. Por conta disso, o lote que possuía um metro de desnível em uma pequena parcela de sua área, foi aterrado. Portanto, o lote é plano e fica ao mesmo nível da rua (PMNH, 2018). Nas figuras a seguir é possível observar melhor as características do lote e seu entorno.

**Figura 21 - Imagem do lote e seu entorno imediato**



Fonte: Autora (2018)

**Figura 22 - Testada do lote (Rua Onze de Junho)**



Fonte: Autora (2018)

**Figura 23 - Esquina das ruas Vinte e Quatro de Maio (direita) e Onze de Junho (esquerda)**



Fonte: Autora (2018)

**Figura 24 - Lote visto da Rua Vinte e Quatro de Maio**

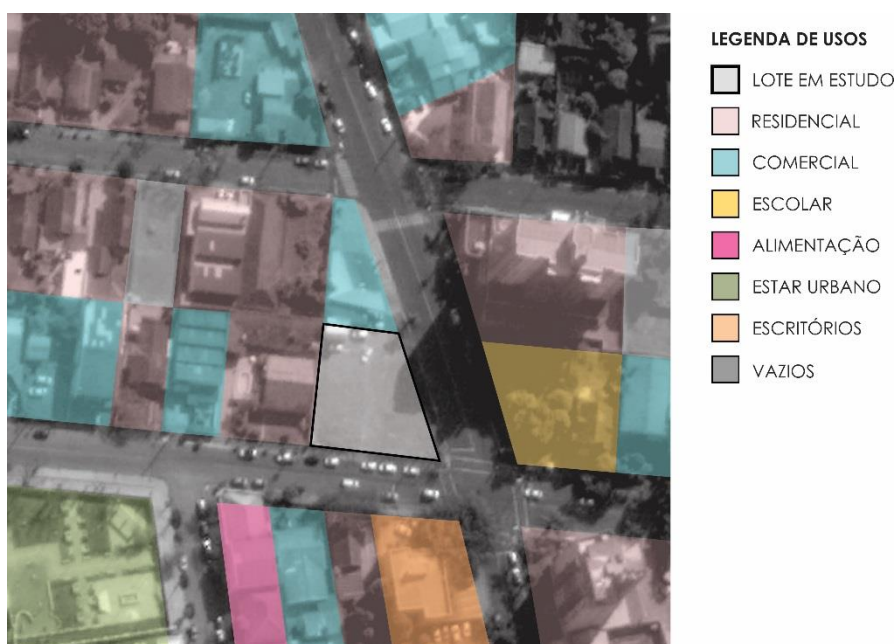


Fonte: Autora (2018)

### 5.1.3 Levantamento de usos, atividades e alturas do entorno

Para melhor compreender o entorno do lote, além de se realizar uma visita ao local como apresentado anteriormente, desenvolveu-se um mapa de levantamento de usos e atividades do entorno imediato (Figura 25). Neste mapa é possível observar as atividades nas quadras vizinhas, seu uso misto e a predominância das edificações de uso residencial e comercial.

**Figura 25 - Levantamento de usos e atividades do entorno imediato**

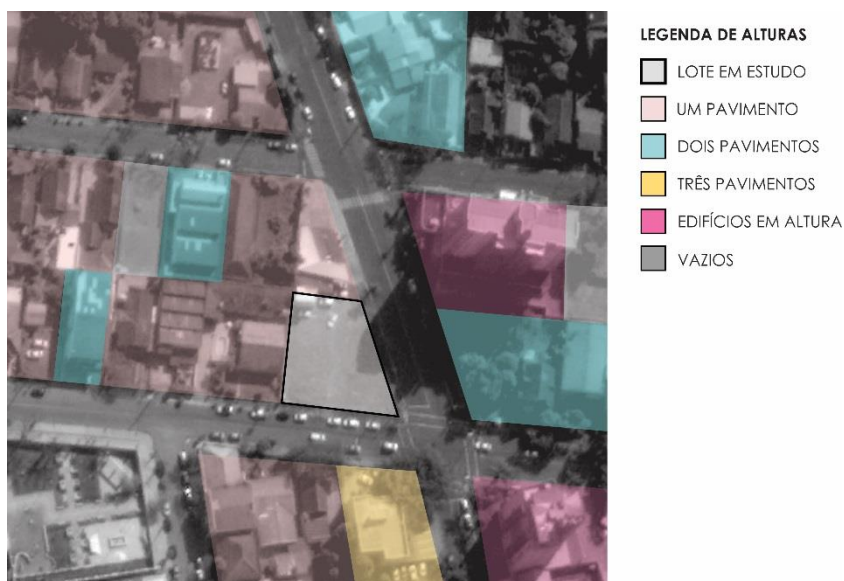


Fonte: *Google Earth* (2018), adaptado pela Autora (2018)

Conforme apresentado no item 5.1.1, uma das diretrizes traçadas para a escolha do lote é a tranquilidade do entorno. O lote escolhido contempla esta diretriz por seu caráter residencial e comercial sem fluxo intenso, ao mesmo tempo sem perder visibilidade por conta disso, uma vez que a região é de fácil acesso e possui vasta infraestrutura. Procurou-se um lote como este justamente por estas características, proporcionando futuramente ambientes de trabalho mais aconchegantes e inspiradores para os *coworkers*.

Complementando as análises, na Figura 26 apresenta-se o levantamento de alturas do entorno imediato ao lote, onde se pode observar que a maioria das edificações vizinhas possuem de um a dois pavimentos, sendo apenas algumas delas edifícios em altura.

**Figura 26 - Levantamento de alturas do entorno imediato**



Fonte: *Google Earth* (2018), adaptado pela Autora (2018)

#### 5.1.4 Fluxo viário e infraestrutura do entorno

Após conhecer os usos e alturas dos edifícios próximos ao lote, analisou-se o fluxo viário do entorno, apresentando as principais vias de acesso e seus sentidos de direção (Figura 27).

**Figura 27 - Fluxo viário e infraestrutura do entorno imediato**



Fonte: *Google Earth* (2018), adaptado pela Autora (2018)

Sobre este mapa, apresentou-se também os equipamentos do entorno, contemplando a diretriz de escolha do lote para um local de fácil acesso e com serviços de alimentação, uma infraestrutura que o *coworking* não oferecerá. Portanto, escolheu-se o lote também pelos estabelecimentos existentes em seu entorno imediato (Figura 27) e não imediato (Figura 28), tornando o local mais atrativo e flexível para quem o frequenta.

**Figura 28 - Fluxo viário e infraestrutura do entorno não imediato**



Fonte: *Google Earth* (2018), adaptado pela Autora (2018)

### 5.1.5 Legislação vigente e regime urbanístico

Conforme a setorização determinada pelo Plano Diretor do Município de Novo Hamburgo (2004), o lote em questão localiza-se no Corredor de Densificação, cuja descrição determina: “corredor vinculado às vias arteriais e coletoras do sistema

viário, com previsão de densidade maior ou igual ao setor servido pela via” (NOVO HAMBURGO, 2004).

Na Figura 29, verifica-se uma compilação das regras do regime urbanístico incidentes no lote, com as variáveis já calculadas para a área do mesmo (947,10 m<sup>2</sup>), e com as observações específicas do Corredor de Densificação.

**Figura 29 - Tabela com as informações do regime urbanístico**

ÁREA DO LOTE 947,10 m <sup>2</sup>	REGIME URBANÍSTICO	PERMITIDO	ÁREA CALCULADA
	TAXA DE OCUPAÇÃO	75%	710,325 m <sup>2</sup>
	ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	2,4	2273,04 m <sup>2</sup>
	ALTURA MÁXIMA	-	-
	RECUO DE AJARDINAMENTO	-	-
	AFASTAMENTOS	A=H/6	-
	OBSERVAÇÕES	ITENS 1 E 2 ABAIXO	-

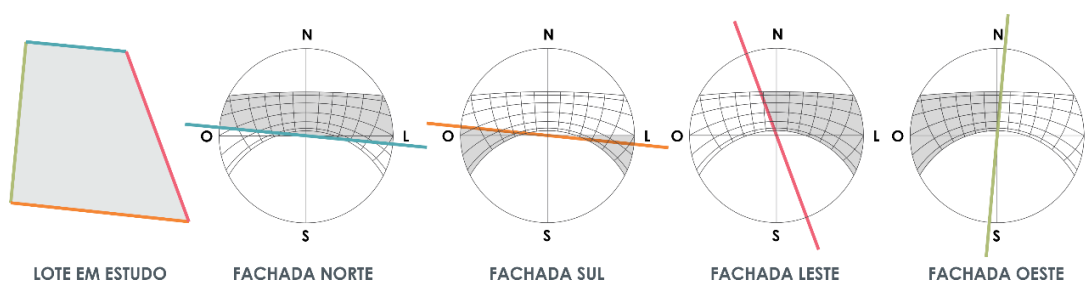
1) Nas divisas laterais, de fundos e no alinhamento a altura máxima permitida é de 7,95m em relação ao ponto de divisa de cota mais alta e de 13,35m em qualquer ponto ao longo das divisas do terreno;  
2) Permitido afastamento mínimo de 3,00m para duas fachadas, sendo o comprimento máximo da soma destas fachadas de 50% de uma das divisas do lote paralela à(s) fachada(s) correspondente(s);

Fonte: Novo Hamburgo (2004), adaptado pela Autora (2018)

### 5.1.6 Análise das variáveis bioclimáticas

Para finalizar as análises referentes ao lote, desenvolveu-se a carta solar do mesmo, onde pode verificar-se a incidência solar nas fachadas. A fachada voltada à orientação sul, por possuir a menor incidência solar, e também por conta de os ventos predominantes na região serem de orientação sudeste, abrigará ambientes de trabalho e estudo. A fachada oeste, por conta da alta incidência do sol, precisará de elementos de proteção solar, já proporcionados pela fachada ventilada a ser proposta.

**Figura 30 - Carta solar do lote**



Fonte: Autora (2018)



## 6 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS E FORMAIS

Para melhor compreender o funcionamento e concepção do projeto de um *coworking*, serão analisados a seguir projetos referenciais análogos e formais. Estas análises têm como objetivo obter informações para o desenvolvimento do programa de necessidades, bem como iniciar o traçado de diretrizes de projeto.

Uma vez que grande parte dos espaços de *coworking* acontecem em edificações já existentes, sendo muitas delas inclusive provenientes de restauro (reciclagem de uso), o intuito desta análise de referências é analisar pontos estratégicos da implementação de um *coworking*. Primeiramente, busca-se entender como funcionam os espaços internos de um *coworking*, seus fluxos e hierarquia dos ambientes, as dimensões e características destes espaços. Segundo, tem-se o objetivo de conhecer como se consolidam os espaços com caráter criativo, instigando a criatividade dos usuários do local.

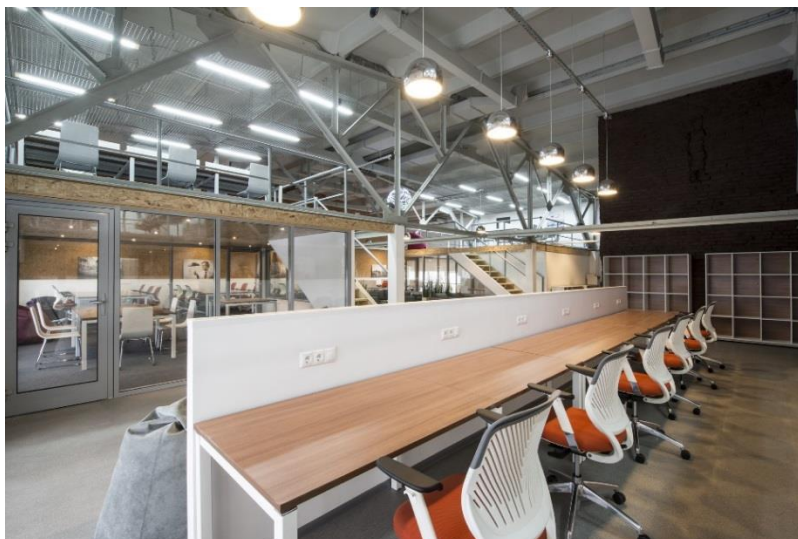
Por fim, nas referências onde o projeto foi pensado diretamente ao espaço *coworking*, ou seja, edificações “novas”, será analisado seu caráter arquitetônico, as informações que passa aos usuários, e como se relaciona com seu entorno imediato.

### 6.1 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS

Com o intuito de arrecadar dados e informações para o desenvolvimento do projeto do *Coworking* da Indústria Criativa, analisou-se dois projetos referenciais. O objetivo desta análise é identificar os fluxos, observar o layout dos ambientes e mobiliário, programa de necessidades, relação do espaço interno e externo, e soluções gerais de projeto.

#### 6.1.1 Centro Coworking Nagatino 2.0

O Centro *Coworking* Nagatino 2.0 é um espaço de trabalho compartilhado localizado em Moscou, na Rússia. Construído em 2013, o projeto e execução deste espaço foram propostos com um desafio: desenvolver o projeto em uma semana, e executá-lo em um mês. Por conta desta demanda, o mobiliário e os itens de iluminação foram encomendados de fornecedores locais, otimizando o tempo de execução (ARCHDAILY, 2014).

**Figura 31 - Coworking**

Fonte: ARCHDAILY (2014)

Para implementação do *coworking*, foi escolhido o espaço de uma antiga fábrica de móveis, de 603 m<sup>2</sup> de área. Para obter mais área útil, os arquitetos decidiram projetar quatro mezaninos construídos com plataformas metálicas, soldados *in loco* (ARCHDAILY, 2014). Com a instalação destes mezaninos, obteve-se um total de 748 m<sup>2</sup> para a área do *coworking*, como pode se observar na Figura 33 e na Figura 34.

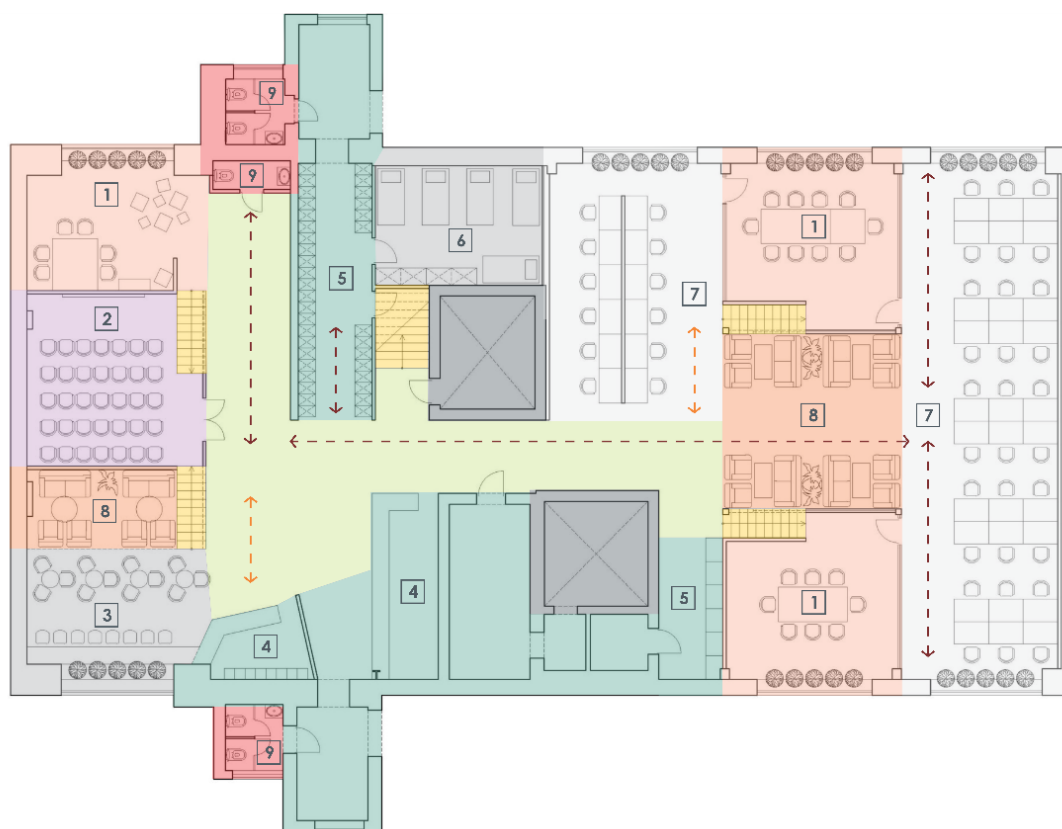
**Figura 32 - Coworking**

Fonte: ARCHDAILY (2014)

Na concepção do projeto do *coworking*, os arquitetos desenvolvedores do projeto, o grupo *Ruslan Aydarov Architecture Studio*, priorizaram transpassar a sensação de um espaço aberto e visualmente zoneado. Em sua área, o *coworking* possui 7 espaços de trabalho, totalizando 100 estações de trabalho disponíveis para

uso. Além dos espaços de escritório, o *coworking* conta com um café, um *mini-hostel* com cinco camas, espaço *kids* e três banheiros (ARCHDAILY, 2014). Analisando as plantas baixas, estima-se que o espaço consiga abrigar em torno de 150 pessoas.

Figura 33 - Planta baixa do térreo



LEGENDA | AMBIENTES

- |   |                        |   |                         |   |                               |
|---|------------------------|---|-------------------------|---|-------------------------------|
| 1 | ÁREA PARA REUNIÕES     | 4 | ÁREAS TÉCNICAS/SERVIÇOS | 7 | MESAS COMPARTILHADAS          |
| 2 | AUDITÓRIO              | 5 | LOCKERS                 | 8 | ESPAÇOS DE TRABALHO COM LAZER |
| 3 | ÁREA DE LAZER/DESCANSO | 6 | MINI-HOSTEL             | 9 | SANITÁRIOS                    |

LEGENDA | ZONEAMENTO

- |                       |                     |                     |
|-----------------------|---------------------|---------------------|
| ESPAÇO DE APRENDIZADO | ESPAÇOS DE REUNIÃO  | CIRCULAÇÃO VERTICAL |
| ESPAÇOS DE DESCANSO   | ESPAÇOS DE "ESCAPE" | VAZIO (ELEVADOR)    |
| ESPAÇOS DE TRABALHO   | SANITÁRIOS          |                     |
| ESPAÇOS TÉCNICOS      | CIRCULAÇÃO          |                     |

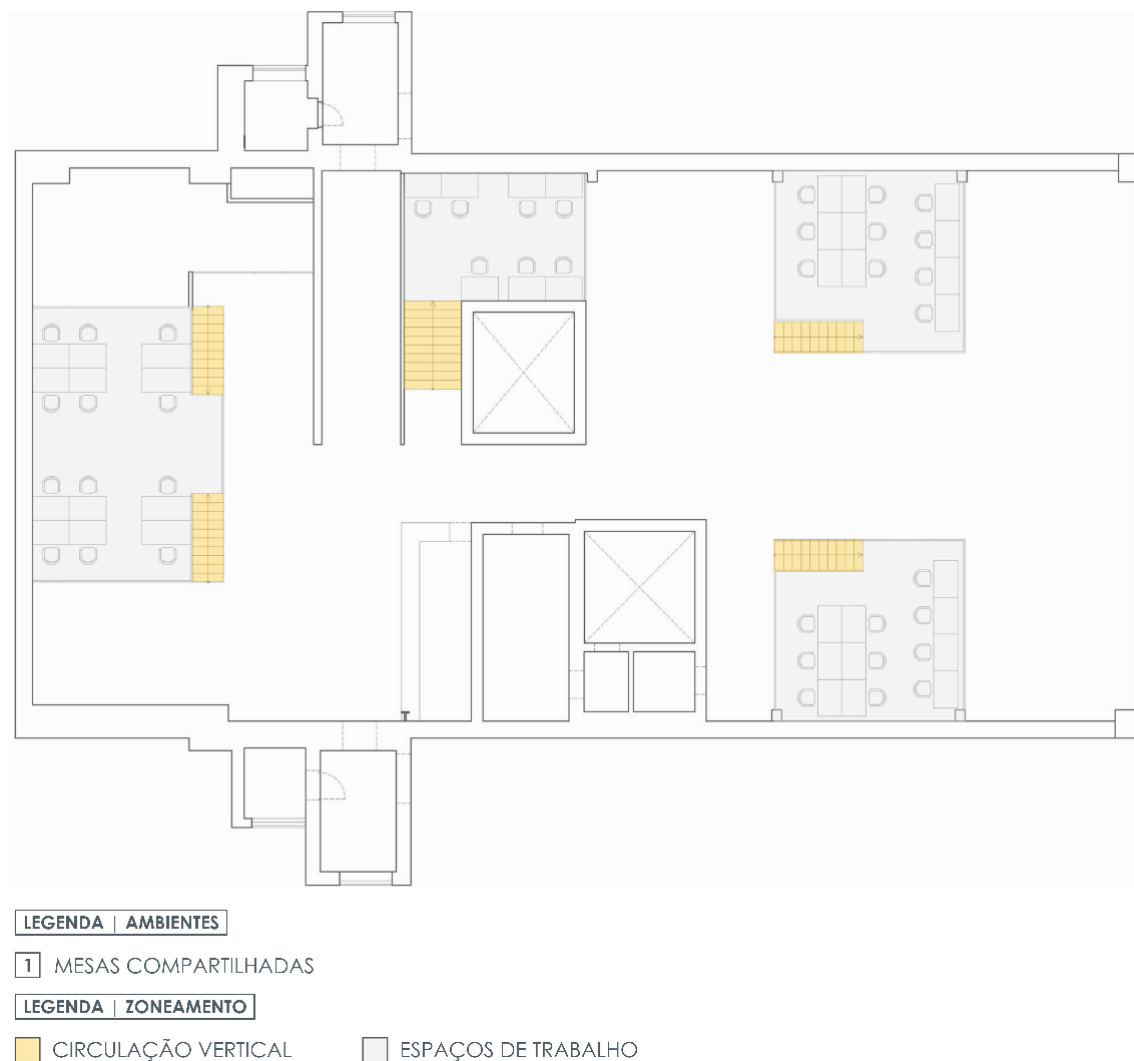
LEGENDA | FLUXOS

- ↔ FLUXO ALTO  
↔ FLUXO INTERMEDIÁRIO

Fonte: ARCHDAILY (2014), adaptado pela autora (2018)

Analisando os espaços oferecidos pelo *coworking*, conclui-se que estão bem dimensionados e distribuídos. Porém, não se localizou no projeto os ambientes dedicados às questões administrativas.

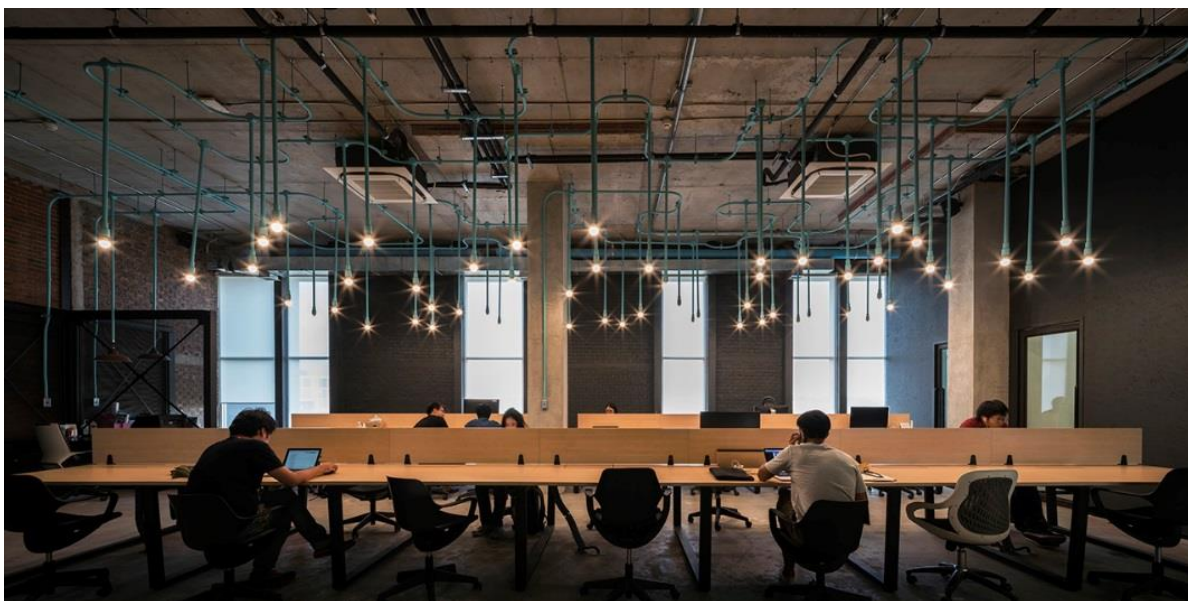
Figura 34 - Planta baixa dos mezaninos



Fonte: ARCHDAILY (2014), adaptado pela autora (2018)

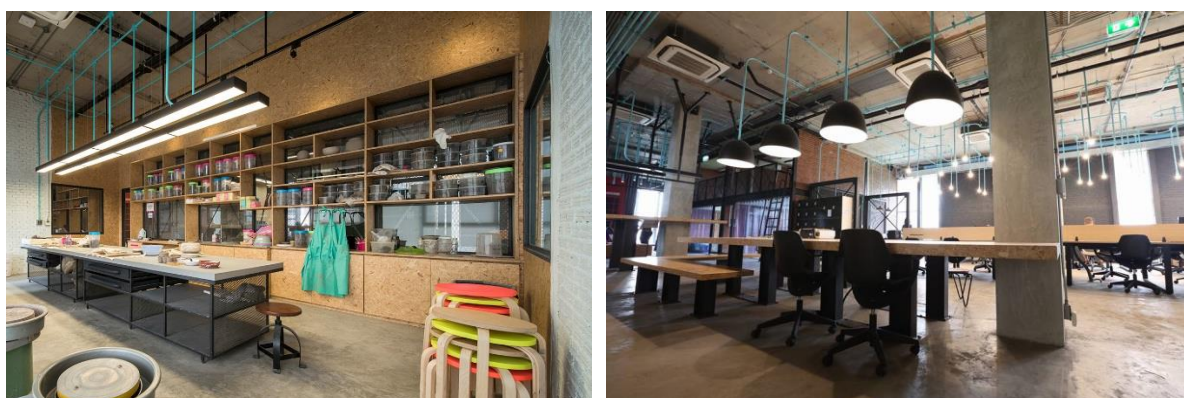
### 6.1.2 Hubba-to Co-working

O *Hubba-to* é um espaço de *coworking* multidisciplinar, desenvolvido em 2016 pelos arquitetos do grupo *Supermachine Studio*. Localiza-se em um complexo do *shopping center Habito Mall*, em Bangkok na Tailândia.

**Figura 35 - Coworking**

Fonte: ARCHDAILY (2017)

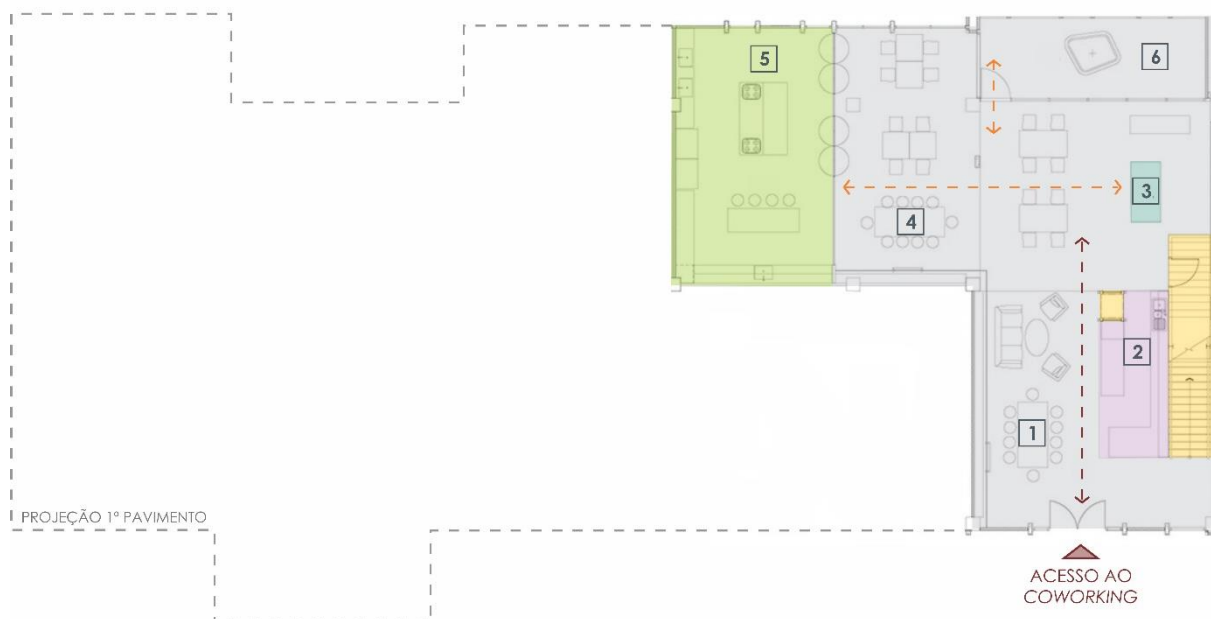
Com 989 m<sup>2</sup> de área, o *coworking* conta com espaços no modelo de escritório compartilhado e ateliês para trabalhos manuais, como: olaria, marcenaria, cozinha; e uma sala escura para revelação de fotografias. Na Figura 36, observa-se os espaços de oficina e escritório compartilhado.

**Figura 36 - Oficina e escritório compartilhado**

Fonte: ARCHDAILY (2017)

Conta também com espaços para *workshops*, palestras e seminários, conforme pode-se observar na Figura 37 e na Figura 38.

Figura 37 - Planta baixa do térreo


**LEGENDA | AMBIENTES**

- |                           |                                 |                                |
|---------------------------|---------------------------------|--------------------------------|
| <b>1</b> CAFÉ             | <b>3</b> LOJA                   | <b>5</b> ATELIÊ DE GASTRONOMIA |
| <b>2</b> WORKSHOP DE CAFÉ | <b>4</b> ÁREA DE LAZER/DESCANSO | <b>6</b> TERRAÇO               |

**LEGENDA | ZONEAMENTO**

- |                       |                     |                     |
|-----------------------|---------------------|---------------------|
| ESPAÇO DE APRENDIZADO | ESPAÇOS DE DESCANSO | CIRCULAÇÃO VERTICAL |
| ESPAÇOS DE ATELIÊ     | ESPAÇO DE VENDAS    |                     |

**LEGENDA | FLUXOS**

- ↔ FLUXO ALTO  
 ⇨ FLUXO INTERMEDIÁRIO

Fonte: ARCHDAILY (2017), adaptado pela autora (2018)

O objetivo do *Hubba-to Co-working* é expandir as redes de *networking* no local, fortalecer o conceito de *HUB* e reforçar a filosofia das práticas do *coworking*. Analisando as plantas baixas, estima-se que o local comporte em torno de 100 pessoas.

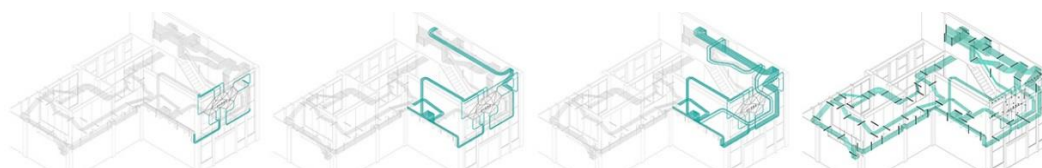
**Figura 38 - Planta baixa do primeiro pavimento**



Fonte: ARCHDAILY (2017), adaptado pela autora (2018)

O conceito do projeto de interiores do *Hubba-to Co-Working* tomou forma pela ideia criativa e divertida de referenciar as linhas de *networking* presente no logotipo da empresa, estendendo-o e multiplicando-o no projeto por meio dos dutos de fiação elétrica.

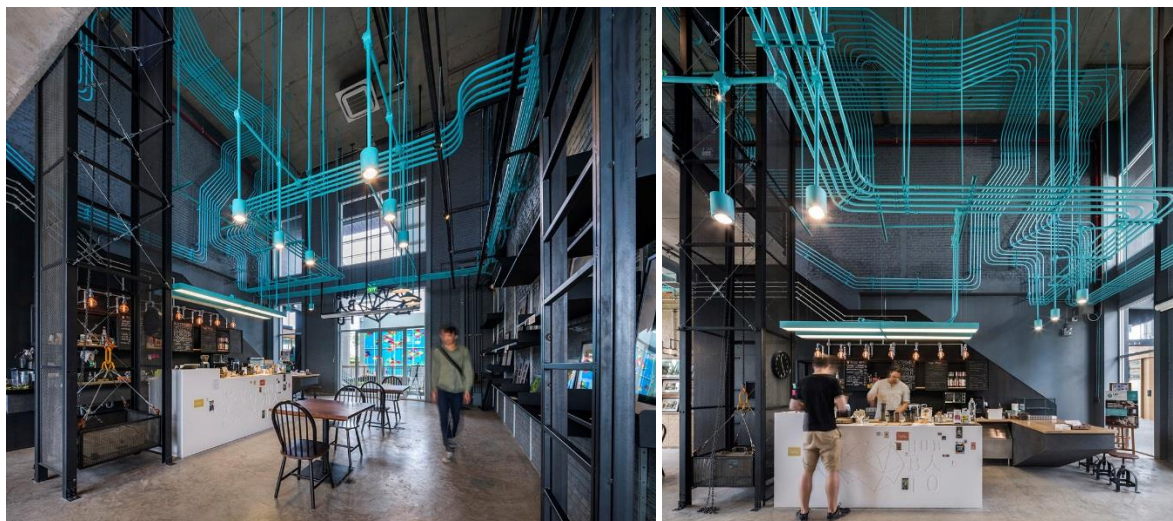
**Figura 39 - Diagrama dos dutos técnicos**



Fonte: ARCHDAILY (2017)

Esta estratégia foi uma forma de materializar essas linhas nos interiores, adicionando mais dutos por questões funcionais, e fazendo-os ocupar ambos os pavimentos, conforme observa-se na Figura 39.

**Figura 40 - Dutos azul turquesa**



Fonte: ARCHDAILY (2017)

Para organizar estes dutos, ao invés de escondê-los, os arquitetos decidiram tirar partido dos mesmos, pintando-os de azul turquesa. Com isso, os dutos se incorporaram ao projeto, deixando de ser uma preocupação para os arquitetos (do ponto de vista estético), tornando-se um elemento decorativo incorporado ao espaço, conforme Figura 40.

## 6.2 PROJETOS REFERENCIAIS FORMAIS

Com o intuito de complementar os dados obtidos com as referências análogas, pesquisou-se por referências formais com caráter arquitetônico condizente com o tema proposto e com o resultado formal pretendido. O objetivo desta análise é identificar tipos de partido arquitetônico e a relação com seu entorno.

### 6.2.1 Leawood Speculative Office

Localizado no estado do Kansas, nos Estados Unidos, o *Leawood Speculative Office* é uma construção similar a um *startup*, e foi construído com o intuito de atrair e abrigar empresas de tecnologia. O projeto foi desenvolvido pelo escritório de



arquitetos El Dorado no ano de 2013, e conta com 1695 m<sup>2</sup> de área distribuídos em dois pavimentos (ARCHDAILY, 2016).

**Figura 41 - Fachada do edifício**



Fonte: ARCHDAILY (2016)

O partido arquitetônico de prisma retangular envidraçado, foi coberto por um envelope perfurado metálico, conforme observa-se na Figura 41 e na Figura 44, o qual protege a edificação da insolação direta que a edificação recebe durante todo o ano.

**Figura 42 – Implantação do edifício**



Fonte: ARCHDAILY (2016)

Esta referência foi escolhida para análise por conta de seu partido arquitetônico, com um único volume e fachada fluida sem demais elementos. Conforme a Figura 42, a edificação acompanhou o alinhamento mais próximo do terreno, ocupando cerca de 12,5% do mesmo.

Observou-se na

Figura 43 sua forma e negativos do volume final, compondo sua fachada.

Figura 43 - Fachada sul da edificação



Fonte: ARCHDAILY (2016), adaptado pela autora (2018)

Além da solução do volume, observou-se a solução de fachada, a qual diminui a incidência solar na edificação sem perder a luminosidade no seu interior. Na Figura 44 é possível verificar como o envelope é fixo à fachada original, deixando-o como uma máscara sobre a edificação. Este tipo de solução favorece não só a iluminação natural, mas também a ventilação, pois forma uma camada de ar ao se deslocar da fachada anterior.

Figura 44 - Diagrama do envelope da fachada



Fonte: ARCHDAILY (2016)

### 6.2.2 Casa Pátio

Projetada em 2011 pela equipe do escritório Yaita and Associates, a Casa Pátio possui 227 m<sup>2</sup> construídos em um terreno de 172 m<sup>2</sup> (ARCHDAILY, 2014). Mesmo o projeto sendo de uma residência, e sua área sendo inferior à área que se pretende obter no projeto do Coworking da Indústria Criativa, esta referência foi escolhida por sua disposição dos volumes e relação de altura com seu entorno imediato.

Figura 45 - Fachada da residência



Fonte: ARCHDAILY (2014)

Na Figura 45 analisou-se o partido arquitetônico de dois volumes, seus negativos e relação com as edificações do entorno imediato. Também se observou a solução de fachada, a qual acaba deixando a edificação com caráter mais resguardado aos seus ambientes internos.

Conforme verifica-se na Figura 46, apesar de a fachada externa da residência ser bastante sólida e com poucas fenestraçãoes, os ambientes internos são bastante iluminados e ventilados. Por conta de pátios internos que foram adicionados ao projeto justamente com este intuito, segundo Archdaily (2014), o projeto transmite diversas experiências ao usuário.

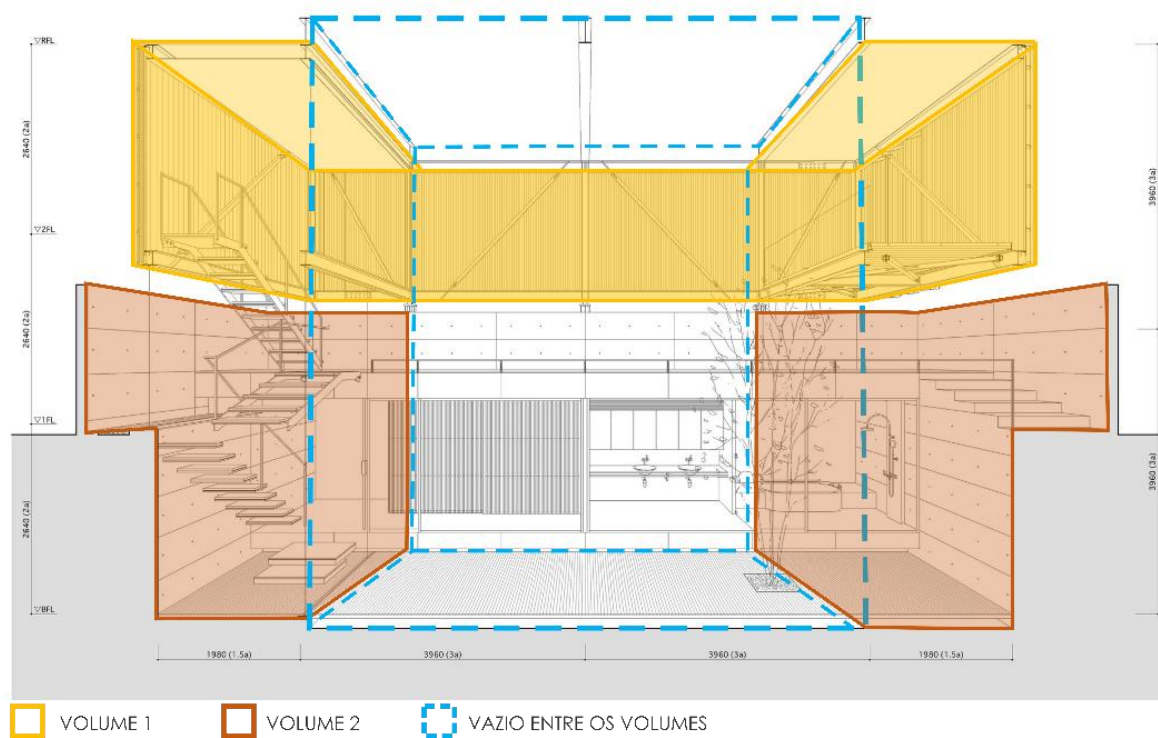
**Figura 46 - Iluminação dos ambientes internos**



Fonte: ARCHDAILY (2014)

Na Figura 47 pode-se observar os volumes da edificação por seu perímetro, e no centro o pátio interno criado pela disposição do partido. Observa-se também entre os volumes a intenção dos arquitetos de deixarem os ambientes “flutuando” sobre a estrutura metálica projetada.

**Figura 47 - Corte perspectivado da edificação, com análises volumétricas**



Fonte: ARCHDAILY (2014)

## 7 LEGISLAÇÃO E NORMAS TÉCNICAS

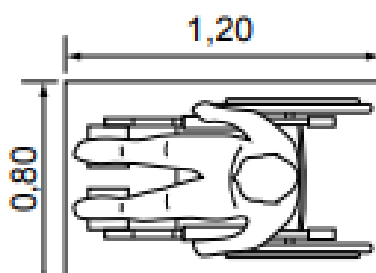
Como base para o desenvolvimento do partido arquitetônico, posteriormente, no Trabalho Final de Graduação, pesquisou-se a legislação e as normas técnicas pertinentes à temática de *coworking* e espaços de trabalho, bem como normativas gerais para edificações com o porte proposto.

### 7.1 NBR 9050/2015 - ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, MOBILIÁRIO, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS

A Norma Brasileira 9050 do ano de 2015, visa estabelecer diretrizes técnicas para edificações, possibilitando a utilização dos espaços com mais autonomia, independência e acessibilidade às pessoas com baixa mobilidade e/ou percepção do ambiente reduzida. Estas regras serão aplicadas a todos ambientes, menos em espaços técnicos de serviço e/ou de acesso restrito (ABNT, 2015). Neste item será apresentada uma síntese dos critérios da Norma, de forma objetiva.

Para dimensionamento mínimo de passagens nos espaços será utilizado o Módulo de Referência fornecido pela NBR 9050/2015, conforme observa-se na Figura 48.

**Figura 48 - Módulo de referência: medidas da cadeira de rodas**



Fonte: ABNT (2015)

De forma a filtrar os dados e facilitar a visualização dos mesmos, apresenta-se a Tabela 1, contendo os principais itens, subitens e diretrizes da NBR 9050 que se aplicam ao projeto pretendido.

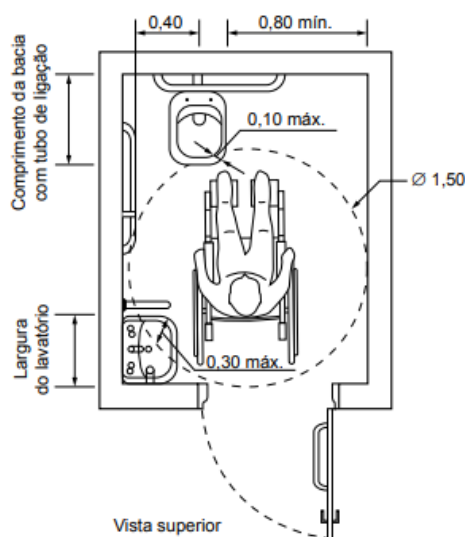
Tabela 1 - Síntese dos itens, subitens e diretrizes da NBR 9050/2015

Item	Subitem	Diretriz
Acessos e Circulação	Rota acessível	Trajeto contínuo, desobstruído, sinalizado e iluminado.
	Acessos	Para pessoas com deficiência e para pessoas idosas, a distância máxima entre o estacionamento e o acesso deve ser de 50 m.
Circulação - Piso	Revestimentos	Devem possuir superfície regular, firme, estável, não trepidante, sob qualquer condição (seco ou molhado).
	Inclinação	Inclinação transversal: até 2% para pisos internos e até 3% para externos. Inclinação longitudinal: inferior a 5%. Inclinações iguais ou superiores a 5% são consideradas rampas.
	Grelhas e juntas de dilatação	Devem ser perpendiculares ao fluxo principal, com vão máximo de 15 mm.
Rota de fuga	Área de resgate	Espaço demarcado para o posicionamento da cadeira de rodas, sendo calculado um espaço a cada 500 pessoas. Esta área de resgate deve ser ventilada, e permitir a manobra de 180° da cadeira de rodas.
Rampas	Dimensionamento	A inclinação das rampas deve ser calculada pela fórmula $i = h \times 100/c$
	Dimensões	Largura mínima de 1,20 m e no máximo 1,50 m. Inclinação máxima de 8,33%.
	Patamares	Possuir dimensão longitudinal mínima de 1,20 m.
	Corrimão	Para rampas e escadas, um de cada lado do elemento, com alturas de 0,70 m e 0,92 m do piso. Devem prolongar-se 30 cm no início e término de rampas e escadas. Quando a largura do elemento for superior a 2,40 m, deverá haver um corrimão intermediário.
Escadas	Corrimão	Utilizar as mesmas diretrizes aplicadas às rampas.
	Patamares	A cada 3,20 m de desnível, ou toda vez que a escada mudar sua direção. Devem possuir a mesma largura da escada, e dimensão longitudinal de no mínimo 1,20 m.
Circulação Interna	Corredores	Utilizar 0,90 m para corredores de uso comum com extensão até 4,00 m e 1,20 m para corredores de uso comum, com extensão até 10,00 m. Para distâncias superiores, e para corredores públicos, utilizar 1,50 m.
	Portas	As portas, quando abertas, devem ter um vão livre mínimo de 0,80 m e altura mínima de 2,10 m, independentemente do tipo de porta. Suas maçanetas devem ser do tipo alavanca, instaladas a uma altura entre 0,80 m e 1,10 m, devem abrir com um único movimento.
	Janelas	Devem possuir limite visual de 0,60 m a 1,20 m, e serem operadas com um único movimento.
Circulação Externa	Revestimentos	Devem possuir superfície regular, firme, estável, não trepidante, sob qualquer condição (seco ou molhado).
	Acesso de veículos ao lote	Não pode impedir a circulação de pedestres, sem criar degraus e/ou desníveis.
	Rebaixamento de calçadas	Inclinação constante e não ser superior a 8,33%, e possuir largura mínima de 1,50 m.
Vagas de Estacionamento	Para pessoas com deficiência	Devem contar com um espaço adicional de circulação com, no mínimo, 1,20 m de largura. Esse espaço pode ser compartilhado por duas vagas. Devem ficar a, no máximo, 50 m do acesso à edificação.
	Dimensionamento	Devem ser reservadas vagas para pessoas idosas (5% do total) e pessoas com deficiência (2% do total).
Sanitários	Dimensionamento	Dimensiona-se 5% do total de cada peça sanitária, com no mínimo um, onde houver sanitários.

Fonte: ABNT (2015), adaptado pela autora (2018)

Complementando as informações, a NBR 9050/2015 apresenta um exemplo de sanitário acessível, com as medidas mínimas necessárias para o ambiente e seus equipamentos, conforme observa-se na Figura 49.

**Figura 49 - Medidas mínimas de um sanitário acessível**



Fonte: ABNT (2015)

## 7.2 NBR 9077/2001 - SAÍDA DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS

A Norma Brasileira 9077, de 2001, estabelece diretrizes de segurança para os usuários das edificações em caso de incêndios, permitindo que os mesmos consigam deixar o local de forma protegida. Além disso, garante o devido acesso à edificação para que o Corpo de Bombeiros possa proceder da forma necessária, combatendo o fogo e mantendo todos em segurança (ABNT, 2001).

Como início à análise para obter os dados necessários presentes na Norma, classificou-se a edificação quanto sua ocupação, conforme Tabela 2. Para tal, levou-se em consideração os usos e atividades presentes na edificação.

Tabela 2 - Classificação das edificações quanto a sua ocupação

Grupo	Ocupação/Usos	Divisão	Descrição	Exemplos
D	Serviços profissionais, pessoais e técnicos	D-1	Locais para prestação de serviços profissionais ou condução de negócios	Escritórios administrativos ou técnicos, consultórios, instituições financeiras (não incluídas em D-2), repartições públicas, cabeleireiros, laboratórios de análises clínicas sem internação, centros profissionais e outros
		D-2	Agências bancárias	Agências bancárias e assemelhados
		D-3	Serviços de reparação (exceto os classificados em G e I)	Lavanderias, assistência técnica, reparação e manutenção de aparelhos eletrodomésticos, chaveiros, pintura de letreiros e outros
F	Locais de reunião de público	F-1	Locais onde há objetos de valor inestimável	Museus, galerias de arte, arquivos, bibliotecas e assemelhados
		F-2	Templos e auditórios	Igrejas, sinagogas, templos e auditórios em geral
F	Locais de reunião de público	F-3	Centros esportivos	Estádios, ginásios e piscinas cobertas com arquibancadas, arenas em geral
		F-4	Estações e terminais de passageiros	Estações rodoferroviárias, aeroportos, estações de transbordo e outros
		F-5	Locais para produção e apresentação de artes cênicas	Teatros em geral, cinemas, óperas, auditórios de estúdios de rádio e televisão e outros
		F-6	Clubes sociais	Boates e clubes noturnos em geral, salões de baile, restaurantes dançantes, clubes sociais e assemelhados
		F-7	Construções provisórias	Circos e assemelhados
		F-8	Locais para refeições	Restaurantes, lanchonetes, bares, cafés, refeitórios, cantinas e outros

Fonte: ABNT (2001)

Após classificar a edificação quanto ao seu uso, consegue-se dimensionar o número de saídas seguras que deverão ser projetadas.

Tabela 3 - Dimensionamento das saídas

Ocupação		População <sup>(A)</sup>	Capacidade da U. de passagem		
Grupo	Divisão		Acessos e descargas	Escadas <sup>(B)</sup> e rampas	Portas
A	A-1, A-2	Duas pessoas por dormitório <sup>(C)</sup>	60	45	100
	A-3	Duas pessoas por dormitório e uma pessoa por 4 m <sup>2</sup> de área de alojamento <sup>(D)</sup>			
B	-	Uma pessoa por 15,00 m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (G)</sup>	100	60	100
C	-	Uma pessoa por 3,00 m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (J)</sup>			
D	-	Uma pessoa por 7,00 m <sup>2</sup> de área			
E	E-1 a E-4	Uma pessoa por 1,50 m <sup>2</sup> de área <sup>(F)</sup>	30	22	30
	E-5, E-6	Uma pessoa por 1,50 m <sup>2</sup> de área <sup>(F)</sup>			
F	F-1	Uma pessoa por 3,00 m <sup>2</sup> de área	100	75	100
	F-2, F-5, F-8	Uma pessoa por m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (G)</sup>			
	F-3, F-6, F-7	Duas pessoas por m <sup>2</sup> de área <sup>(G)</sup> (1:0,5 m <sup>2</sup> )			
	F-4	† <sup>(I)</sup>			

Fonte: ABNT (2001)



Para definir a largura de acessos, saídas, descargas e escadas, utiliza-se a fórmula  $N = P \div C$ , na qual: **N** = número de unidades de passagem; **P** = população, conforme dimensionado na Tabela 3; **C** = capacidade da unidade de passagem, conforme dimensionado na Tabela 3.

De acordo com a NBR 9077, a largura mínima para todos os casos é 1,10 m (duas unidades de passagem de 0,55 m). Utilizando-se o cálculo para dimensionamento, a largura dos acessos, saídas, descargas e escadas deve partir de 1,10 m.

**Tabela 4 - Classificação das edificações quanto à altura**

	Tipo de edificação	Alturas contadas da soleira de entrada ao piso do último pavimento, não consideradas edículas no ático destinadas a casas de máquinas e terraços descobertos (H)
Código	Denominação	
K	Edificações térreas	Altura contada entre o terreno circundante e o piso da entrada igual ou inferior a 1,00 m
L	Edificações baixas	$H \leq 6,00$ m
M	Edificações de média altura	$6,00 \text{ m} < H \leq 12,00$ m
N	Edificações medianamente altas	$12,00 \text{ m} < H - 30,00$ m
O	Edificações altas	0 - 1 $H > 30,00$ m ou
		0 - 2 Edificações dotadas de pavimentos recuados em relação aos pavimentos inferiores, de tal forma que as escadas dos bombeiros não possam atingi-las, ou situadas em locais onde é impossível o acesso de viaturas de bombeiros, desde que sua altura seja $H > 12,00$ m

Fonte: ABNT (2001)

Para definição da quantidade de escadas e seu tipo, precisa-se classificar a edificação quanto à sua altura. Estima-se que a edificação proposta terá entre 6 m e 12 m de altura e, portanto, segundo a NBR 9077, considera-se como uma edificação de média altura, representada pela letra M, conforme Tabela 4.

**Tabela 5 - Classificação das edificações quanto às suas dimensões em planta**

	Natureza do enfoque	Código	Classe da edificação	Parâmetros de área
$\alpha$	Quanto à área do maior pavimento ( $s_p$ )	P	De pequeno pavimento	$s_p < 750 \text{ m}^2$
		Q	De grande pavimento	$s_p \geq 750 \text{ m}^2$
$\beta$	Quanto à área dos pavimentos atuados abaixo da soleira de entrada ( $s_a$ )	R	Com pequeno subsolo	$s_a < 500 \text{ m}^2$
		S	Com grande subsolo	$s_a \geq 500 \text{ m}^2$
$\gamma$	Quanto à área total $S_t$ (soma das áreas de todos os pavimentos da edificação)	T	Edificações pequenas	$S_t < 750 \text{ m}^2$
		U	Edificações médias	$750 \text{ m}^2 \leq S_t < 1500 \text{ m}^2$
		V	Edificações grandes	$1500 \text{ m}^2 \leq S_t < 5000 \text{ m}^2$
		W	Edificações muito grandes	$A_t > 5000 \text{ m}^2$

Fonte: ABNT (2001)

Após classificação da edificação conforme sua altura, é necessário classifica-la quanto às suas dimensões em planta baixa. Estima-se que os pavimentos terão área inferior a 750 m<sup>2</sup>, portanto possuem Código P, conforme a Tabela 5.

**Tabela 6 - Número de saídas e tipos de escadas**

Dimensão	P (área de pavimento ≤ 750 m <sup>2</sup> )										Q (área de pavimento > 750 m <sup>2</sup> )											
	Altura		K		L		M		N		O		K		L		M		N		O	
Ocupação		N <sup>sa</sup>	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.	N <sup>sa</sup>	Tipo esc.
Gr.	Div.																					
D	-	1	1	NE	1	EP**	1	PF	1	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF	
F	F-1	1	1	NE	1	EP	2	EP	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF	
	F-2	1	1	NE	1	EP**	2	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF	
	F-3	2	2	NE	2	NE	2	NE	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF	
	F-4	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	
	F-5	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	3	PF	2	PF	
	F-6	2	2	EP**	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF	
	F-7	2	2	NE	2	EP	-	-	-	-	3	3	NE	3	EP	-	-	-	-	-	-	
	F-8	1	1	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF	

Fonte: ABNT (2001)

Com os dados arrecadados, pode-se definir o número de saídas de emergência e tipos de escadas. No caso do projeto de *coworking* proposto, classifica-se os ambientes como: locais de serviço (Grupo D), o qual necessita uma saída de emergência protegida; e locais de reunião (Grupo F), o qual necessita duas saídas de emergência protegidas, conforme Tabela 6. Considera-se estes dados uma vez que a edificação se encontra no Código M (altura média), e Código P (pavimentos com área inferior a 750 m<sup>2</sup>).

### 7.3 NBR 5626/1998 - INSTALAÇÃO PREDIAL DE ÁGUA FRIA

A Norma Brasileira 5626, de 1998, estabelece exigências e recomendações para instalação predial de água fria, garantindo o bom desempenho da mesma. Nesta Norma busca-se informações para dimensionamento dos reservatórios de água da edificação e recomendações acerca do assunto.

Seguindo a normativa da NBR 5626/1998, o cálculo de dimensionamento dos reservatórios se inicia no cálculo do consumo diário de água na edificação, em litros. Para escritórios considera-se o consumo diário, uma estimativa de, 50 litros por pessoa.

Precisa-se estabelecer também a quantidade de pessoas que irão frequentar a edificação. No caso do *Coworking da Indústria Criativa*, considera-se uma população média de 100 pessoas, conforme o dimensionamento realizado (item 8.1).

Reunindo as informações, aplica-se à fórmula  $CD \div P \times C$ , onde: **CD** = consumo diário; **P** = população abastecida; e **C** = consumo per capita. No caso do projeto proposto, conclui-se que será necessária uma reserva mínima de 2500 litros.

#### 7.4 CÓDIGO DE EDIFICAÇÕES DE NOVO HAMBURGO

No Código de Edificações de Novo Hamburgo, Lei Complementar nº 608, de 05 de novembro de 2001, não constam edificações que se encaixem nas práticas de *coworking*. O perfil mais próximo à modalidade proposta nesta pesquisa são as Unidades de Prestação de Serviços: US (NOVO HAMBURGO, 2001).

De forma a filtrar os dados e facilitar a visualização dos mesmos, apresenta-se a Tabela 7, contendo os principais itens, subitens e diretrizes do Código de Edificações de Novo Hamburgo que se aplicam ao projeto pretendido.

**Tabela 7 - Síntese dos itens, subitens e diretrizes do Código de Edificações de Novo Hamburgo**

Item	Subitem	Diretriz
Uso	Único	Gabinetes. Constituídos de escritórios, estúdios, consultórios, afins e similares.
Condições	Dependências de higiene	Gabinete sanitário para funcionários separada por sexo, calculados por $n = A \div 240$ .
	Estacionamentos	Para áreas superiores a 480 m <sup>2</sup> , calcular as vagas conforme $n = A \div 120$ .
Gabinetes e mezaninos	Forma	Ø = 225 cm, e para mezaninos tipo passadiço Ø = 90 cm.
	Área mínima	7,50 m <sup>2</sup> , e para gabinetes com mezanino 15 m <sup>2</sup>
Portas	Coletivas	Ø = 90 cm.
Área dos vãos de iluminação, ventilação e insolação	Espaços de prestação de serviços	Área ÷ 6
	Espaços de higiene, serviço, apoio e circulação	Área ÷ 10
	Estacionamentos	Área ÷ 20

Fonte: NOVO HAMBURGO (2001), adaptado pela autora (2018)

## 8 PROPOSTA DE PROJETO

Conforme apresentado no item 3.3 desta pesquisa, escolheu-se desenvolver a pesquisa e, posteriormente, o projeto do *coworking* voltado para os profissionais da indústria criativa, com foco no setor de consumo (arquitetura, design, moda e publicidade), conforme dividido por Firjan (2014).

### 8.1 PÚBLICO ALVO

Conforme analisado e descrito no decorrer desta pesquisa, o público alvo do Coworking da Indústria Criativa são os profissionais da indústria criativa e semelhantes. São, basicamente, profissionais autônomos, *freelancers*, pequenas empresas, estudantes e pesquisadores dentro da área de criatividade e inovação, bem como o público em geral que se interesse pelas atividades desenvolvidas e oferecidas pelo *coworking*. O objetivo deste espaço é oferecer infraestrutura àqueles que desenvolvem conteúdo criativo e/ou que precisem de um espaço provisório para desenvolver tais atividades. Apesar de o *coworking* proposto possuir instalações voltadas à indústria criativa, não se pretende segmentar apenas a esta área impedindo outros profissionais, inclusive, esta prática iria contra os princípios do *coworking*.

Após a análise e levantamento de dados por intermédio das referências análogas e formais e pelo estudo de caso, foi possível arrecadar uma base para o dimensionamento dos usuários e funcionários a ser abrangido no projeto. Para facilitar o dimensionamento final deste público, e para organizar os ambientes do *coworking*, desenvolveu-se um quadro de espaços e atividades, no qual consta o público estimado a ser atingido.

Unindo os dados pesquisados e desenvolvidos, estima-se um público de 100 pessoas, dentre elas usuários e funcionários do *coworking*.

### 8.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Para desenvolvimento do programa de necessidades, assim como para o desenvolvimento do público alvo estimado, analisou-se referências arquitetônicas e teóricas, bem como o estudo de caso no Nós Coworking, o qual foi de grande valor para esta pesquisa.

Para melhor organização do programa de necessidades e das intenções de projeto, organizou-se as atividades e ambientes em setores de descanso, trabalho, aprendizado e serviços.

### 8.2.1 Espaços de trabalho

Estes espaços têm como finalidade oferecer infraestrutura para trabalho, seja ele de forma compartilhada ou compartimentada. Pode ser considerado o espaço principal do *coworking*, pois é onde grande parte do *networking*, ou seja, as trocas de experiências acontecem (Tabela 8).

**Tabela 8 - Espaços de trabalho**

Espaço	Ambiente	Descrição	Nº	Usuários	Funcionários	Área	Área Total	Fonte
Trabalho	Atelier multiuso	Espaço complementar, para atividades variadas	1	20	-	50 m <sup>2</sup>	50 m <sup>2</sup>	Machado (2014)
	Escritório compartilhado	Espaço de trabalho de uso comum	1	80		150 m <sup>2</sup>	150 m <sup>2</sup>	Neufert (2013)
	Escritório compartimentado	Espaço de trabalho isolado, ambiente separado	5	20		10 m <sup>2</sup>	50 m <sup>2</sup>	Archdaily (2017)
	Laboratório da criatividade	Espaço de trabalho para profissionais criativos	1	20		150 m <sup>2</sup>	150 m <sup>2</sup>	Machado (2014)
	Maquetaria	Espaço para trabalhos manuais	1	10		35 m <sup>2</sup>	35 m <sup>2</sup>	Archdaily (2014)
	Sala de desenho	Espaço com mesas de desenho	1	10		40 m <sup>2</sup>	40 m <sup>2</sup>	Machado (2014)
	Reuniões	Espaços para reuniões formais e informais	3	10		25 m <sup>2</sup>	75 m <sup>2</sup>	Machado (2014)

<b>Área do setor</b>	350 m <sup>2</sup>
Adicional 15% (Paredes/Circulação)	402,5 m <sup>2</sup>

Fonte: Autora (2018)

### 8.2.2 Espaços de aprendizado

Estes espaços têm como finalidade oferecer infraestrutura para atividades de aprendizado, que podem acontecer em forma de cursos e palestras, como em trocas de conhecimentos. Criou-se um ambiente de “projeto compartilhado” onde os *coworkers* podem expor seus trabalhos, seja para pedir opiniões e outros pontos de vista, ou para procurar parcerias de trabalho (Tabela 9).

**Tabela 9 - Espaços de aprendizado**

Espaço	Ambiente	Descrição	Nº	Usuários	Funcionários	Área	Área Total	Fonte
Aprendizado	Biblioteca	Espaço para armazenamento e leitura de materiais de aprendizado. Pequeno porte.	1	30	1	80 m <sup>2</sup>	80 m <sup>2</sup>	Machado (2014)
	Espaço de exposições	Espaço para exposição de materiais e trabalhos, espaço de socialização entre os usuários do <i>coworking</i>	1	50		35 m <sup>2</sup>	35 m <sup>2</sup>	Archdaily (2014)
	Espaço projeto compartilhado	Espaço para troca de experiências sobre os trabalhos desenvolvidos pelos usuários que queiram interagir	1	15		35 m <sup>2</sup>	35 m <sup>2</sup>	Archdaily (2014)
	Sala de Eventos	Espaço para eventos de pequeno a médio porte	1	50		90 m <sup>2</sup>	90 m <sup>2</sup>	Archdaily (2017)
	Sala de workshops	Salas para workshops, cursos, palestras e afins	2	30		40 m <sup>2</sup>	80 m <sup>2</sup>	Machado (2014)

<b>Área do setor</b>	320 m <sup>2</sup>
Adicional 15% (Paredes/Circulação)	368 m <sup>2</sup>

Fonte: Autora (2018)

### 8.2.3 Espaços de descanso

Os espaços de descanso são ambientes para descontração e decompressão, conforme instruído pelo entrevistado Walker Massa, conforme o item 4.2 desta pesquisa. Estes ambientes serão compartilhados, e abertos a todos os usuários e funcionários do *coworking* (Tabela 10).

**Tabela 10 - Espaços de descanso**

Espaço	Ambiente	Descrição	Nº	Usuários	Funcionários	Área	Área Total	Fonte
Descanso	Café	Espaço de alimentação e interação	1	30	4	80 m <sup>2</sup>	80 m <sup>2</sup>	Machado (2014)
	Copa/cozinha	Espaço para refeições	1	Todos	0	25 m <sup>2</sup>	25 m <sup>2</sup>	Nós Coworking (2018)
	Núcleos de pausa	Espaços de descanso localizados por toda edificação	Indefinido	Todos		Indefinido	Indefinido	Indefinido

<b>Área do setor</b>	105 m <sup>2</sup>
Adicional 15% (Paredes/Circulação)	120,75 m <sup>2</sup>

Fonte: Autora (2018)

### 8.2.4 Espaços de serviço

Estes espaços são de caráter mais burocrático e técnico, como salas administrativas e de serviços gerais para gerenciamento do *coworking*. Dentre estes ambientes constam os depósitos de materiais, de serviços e lixo, além de ambientes

para impressão de documentos e os sanitários. Portanto, serão de utilização de todos os usuários e funcionários do *coworking*.

**Tabela 11 - Espaços de serviço**

Espaço	Ambiente	Descrição	Nº	Usuários	Funcionários	Área Unitária	Área Total	Fonte
Serviço	Administrativo	Salas administrativas	1		5	50 m <sup>2</sup>	50 m <sup>2</sup>	Machado (2014)
	Depósito de lixo	Espaço para descarte de resíduos	1	Indefinido		10 m <sup>2</sup>	10 m <sup>2</sup>	Neufert (2013)
	Depósito de materiais	Espaço para depósito de materiais diversos	1	Indefinido	0	20 m <sup>2</sup>	20 m <sup>2</sup>	Archdaily (2017)
	Depósito de serviços	Espaço para depósitos em geral	1	Indefinido		10 m <sup>2</sup>	10 m <sup>2</sup>	Neufert (2013)
	Estacionamento	Estacionamento	1			140 m <sup>2</sup>	140 m <sup>2</sup>	Novo Hamburgo (2001)
	Impressão/plotagem	Espaço com equipamentos de impressão	1	Indefinido	2	20 m <sup>2</sup>	20 m <sup>2</sup>	Archdaily (2017)
	Lockers	Espaço com armários para uso dos <i>coworkers</i> e funcionários	1	30	0	15 m <sup>2</sup>	15 m <sup>2</sup>	Neufert (2013)
	Recepção	Atendimento do público em geral	1	Indefinido	2	20 m <sup>2</sup>	20 m <sup>2</sup>	Nós Coworking (2018)
	Sanitários Funcionários + Vestiários	Sanitários, masculino e feminino	2	Indefinido	0	21 m <sup>2</sup>	42 m <sup>2</sup>	Neufert (2013)
	Sanitários Geral	Sanitários, masculino e feminino	2	Indefinido		11 m <sup>2</sup>	22 m <sup>2</sup>	Neufert (2013)

<b>Área do setor</b>	349 m <sup>2</sup>
Adicional 15% (Paredes/Circulação)	401,35 m <sup>2</sup>

Fonte: Autora (2018)

### 8.2.5 Pré-dimensionamento

Com os dados recolhidos nos itens anteriores, foi possível realizar uma estimativa do pré-dimensionamento dos setores do *coworking*, servindo de auxílio para a escolha do lote e dimensionamento do público alvo.

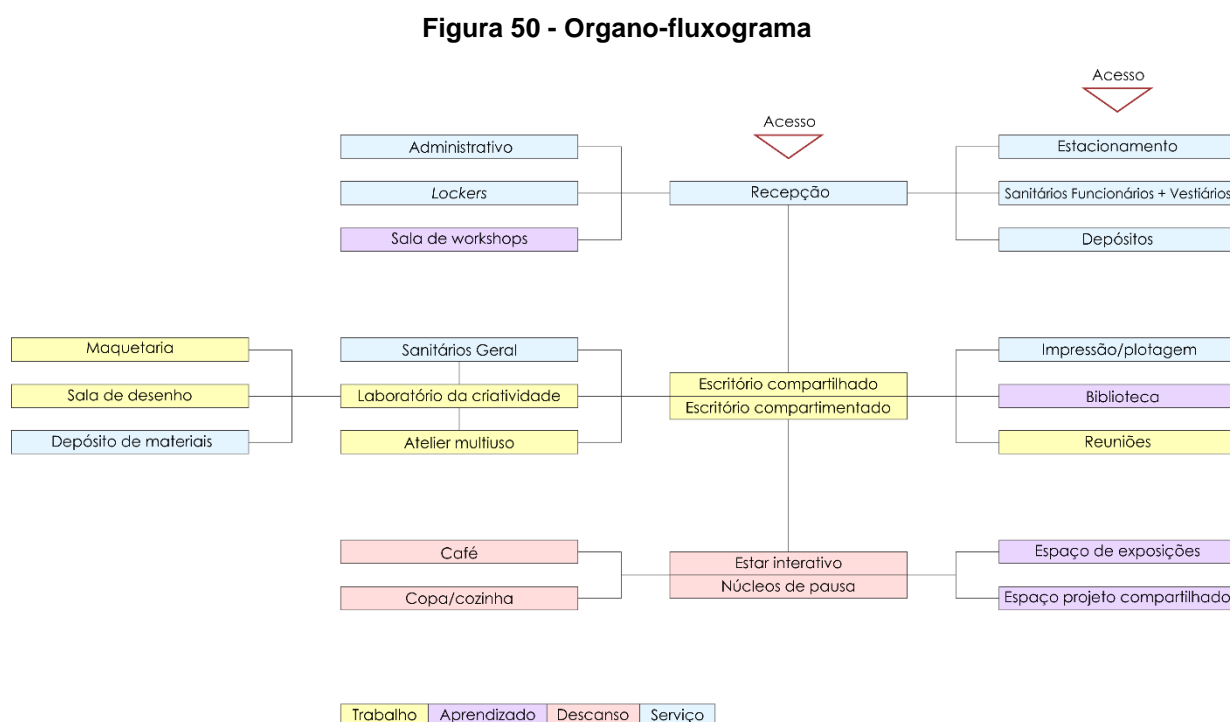
**Tabela 12 - Pré-dimensionamento geral do *coworking***

Área do setor - Trabalho	402,5 m <sup>2</sup>
Área do setor - Aprendizado	368 m <sup>2</sup>
Área do setor - Descanso	120,75 m <sup>2</sup>
Área do setor - Serviço	401,35 m <sup>2</sup>
<b>Área Total</b>	<b>1292,6 m<sup>2</sup></b>

Fonte: Autora (2018)

### 8.3 ORGANOFUXOGRAMA

Após o desenvolvimento do programa de necessidades, seus ambientes e pré-dimensionamento, organizou-se os espaços de acordo com a sua distribuição e fluxos, conforme observa na Figura 50. Os ambientes foram agrupados em tipos de espaços, com a mesma linguagem do programa de necessidades, com o intuito de facilitar a visualização da organização dos setores e sua relação entre si.



Fonte: Autora (2018)

### 8.4 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Para um melhor desempenho e conforto no *Coworking* da Indústria Criativa, pesquisou-se materiais e técnicas construtivas adequados para edificações que abrigam atividades de estudos e trabalho.

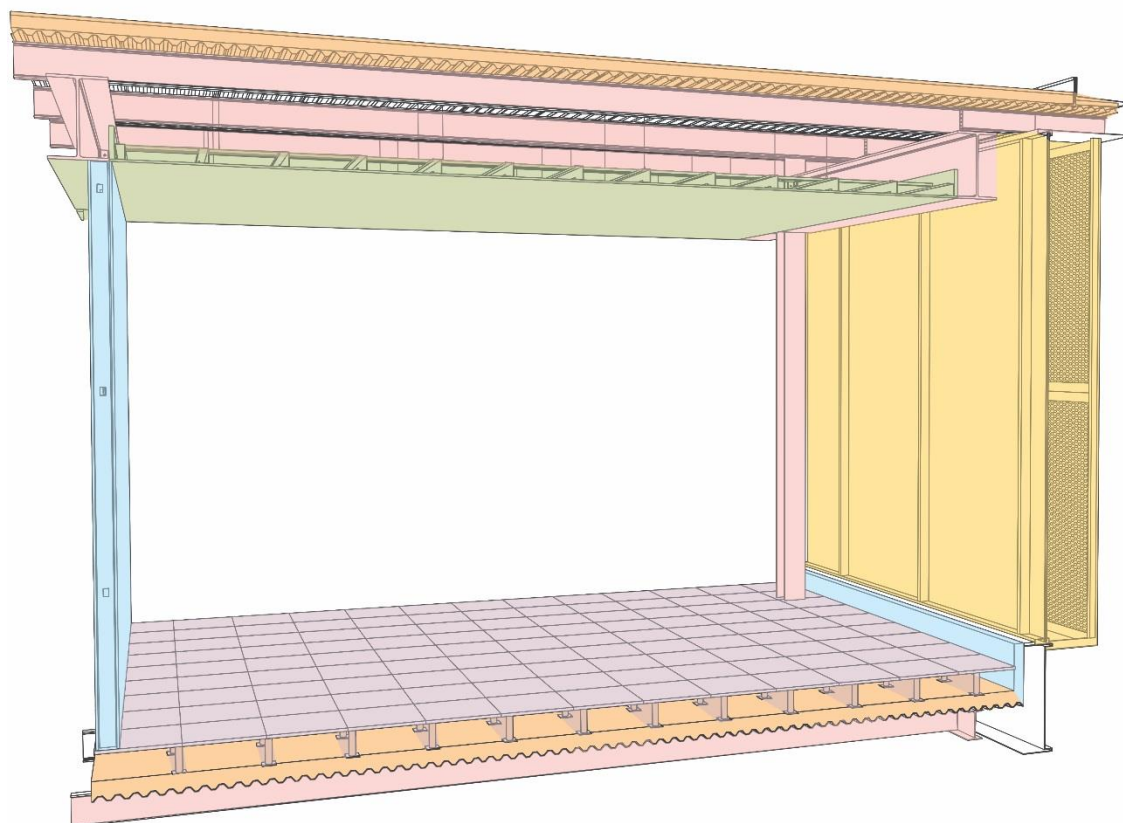
Para garantir uma boa produtividade e conforto aos *coworkers*, decidiu-se trabalhar com materiais que confirmam maior leveza, isolamento acústico e térmico à edificação. Além disso, técnicas construtivas “secas” que propiciem flexibilidade ao espaço interior, e menor exigência na estrutura geral do edifício.



Além das questões de conforto e desempenho, escolheu-se materiais e técnicas construtivas leves e sustentáveis, optando-se então pela estrutura metálica e paredes secas (*dry wall*), piso elevado e fachada ventilada (Figura 51).

Figura 51 - Compilação dos materiais e técnicas construtivas a serem propostos

## MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS COMPILAÇÃO DAS INTENÇÕES CONSTRUTIVAS



**LAJE STEEL DECK**  
COMPOSTA POR PEÇAS METÁLICAS  
E ISOLAMENTO TERMO-ACÚSTICO

**ESTRUTURA METÁLICA**  
COMPOSTA POR VIGAS PRINCIPAIS  
E INTERMEDIÁRIAS, E PILARES

**FORRO DE GESSO**  
COMPOSTO POR ESTRUTURA  
METÁLICA E PLACAS DE GESSO

**DRYWALL**  
COMPOSTO POR ESTRUTURA  
METÁLICA LEVE E PLACAS DE GESSO

**PISO ELEVADO**  
COMPOSTO POR SUPORTES  
TELESCÓPICOS E PISO VINÍLICO

**FACHADA VENTILADA**  
COMPOSTO POR ESTRUTURA  
METÁLICA E PLACAS METÁLICAS

Fonte: Autora (2018)

### 8.4.1 Estrutura Metálica

Segundo Liubartas *et al* (2015), pelo fato de a estrutura metálica ser pré-fabricada, ela é de construção mais eficiente e rápida. Além de ser mais leve, diminui a exigência nas fundações geradas pela estrutura, diminuindo seu custo em até 30% (CBCA, 2018).

As estruturas em aço também conferem maior sustentabilidade às construções. Segundo Liubartas *et al* (2015), o aço pode ser reciclado diversas vezes sem perder suas propriedades, diminuindo assim o uso de recursos naturais e reutilizando-os para criação de novas peças.

Outra vantagem da utilização de estruturas em aço, segundo o Centro Brasileiro da Construção em Aço (2018), é a flexibilidade nos projetos e possíveis reformas nas edificações. Além do fato de ser compatível com outros tipos de fechamento verticais e horizontais, conferindo maior autonomia à edificação e ao arquiteto que irá projetar a obra (CBCA, 2018).

#### **8.4.2 Paredes em *Dry Wall***

Utilizando a estrutura do edifício em aço, optou-se por trabalhar as paredes em *dry wall*<sup>6</sup>, ou como é popularmente conhecido, gesso acartonado. Esta tecnologia segue os mesmos princípios da estrutura em aço, contando com montantes metálicos modulares e placas de gesso para fechamento.

Por conta da modulação e planejamento prévio, a instalação das paredes de *dry wall* gera um número de resíduos muito menor comparado com as paredes convencionais de alvenaria. E assim como a estrutura em aço, os elementos da parede em *dry wall* também são recicláveis, sendo assim, mais sustentáveis (COSTA, 2014).

Para o fechamento das paredes são utilizadas placas de gesso acartonado, que podem ser de três tipos: placas brancas (comuns), placas verdes (resistentes à umidade) e placas vermelhas (resistentes ao fogo), dependendo da necessidade de cada projeto (COSTA, 2014). A espessura das placas varia de 9,5 mm a 12,5 mm, podendo ser aplicadas únicas ou em placas duplas, seguindo sempre as orientações do fabricante.

Além das paredes em *dry wall*, pode-se utilizar a tecnologia também em forros e outros revestimentos. Neste caso, a estrutura metálica é projetada de forma específica, na qual as peças serão parafusadas. Apesar de algumas diferenças de modulação, os elementos são bastante semelhantes aos presentes nas paredes (COSTA, 2014).

---

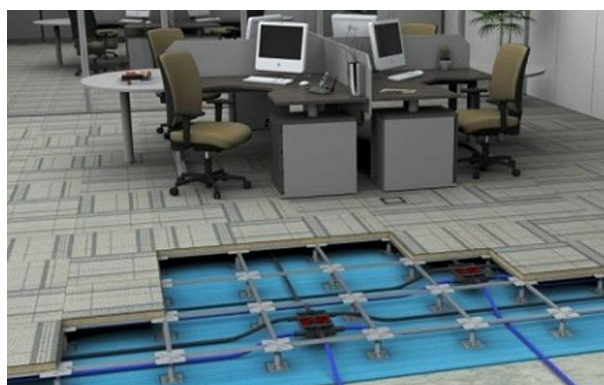
<sup>6</sup> Paredes secas. Sistema de vedação com montantes e placas.

### 8.4.3 Piso elevado

Para complementar o projeto da edificação com tecnologias inteligentes e sustentáveis, propõe-se também o uso do piso elevado. Esta tecnologia tem como objetivo facilitar as possíveis manutenções a serem realizadas na edificação (e no próprio piso). Toda a fiação e tubulação passa por baixo do piso, que fica distante da laje por meio de perfis metálicos, diferente das tecnologias convencionais com contrapiso conectado diretamente à mesma (BERNARDES, 2009).

Além dos benefícios de manutenção (Figura 52), o piso elevado confere maior conforto térmico à edificação, uma vez que, deslocado da laje, cria uma camada de ar renovável sob o piso, contribuindo para o refrescamento dos ambientes (BERNARDES, 2009).

**Figura 52 - Piso elevado**



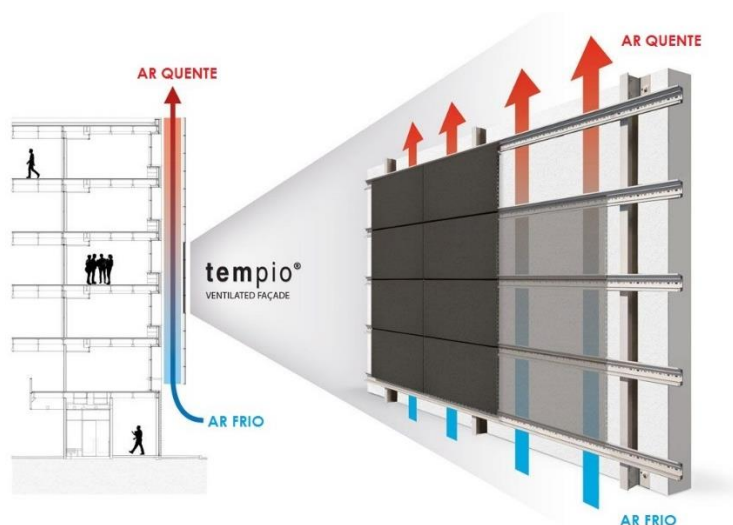
Fonte: Euro Gessos (2018)

### 8.4.4 Fachada Ventilada

Para o invólucro da edificação optou-se por um sistema que acompanhasse as diretrizes de conforto e sustentabilidade propostos acima. As fachadas ventiladas são assim chamadas pois são instaladas afastadas da edificação em osso, como se fossem uma máscara, criando uma camada de ar entre os elementos (MÜLLER; ALARCON, 2005).

Este tipo de tecnologia contribui para o conforto térmico nos ambientes pois dependendo da forma que for instalada, cria um efeito chaminé entre a fachada e a edificação, fazendo com que o ar quente suba sem adentrar nos ambientes (Figura 53).

Figura 53 - Sistema de fachada ventilada



Fonte: Tempio (2018), adaptado pela Autora (2018)

## 8.5 INTENÇÕES DE PROJETO

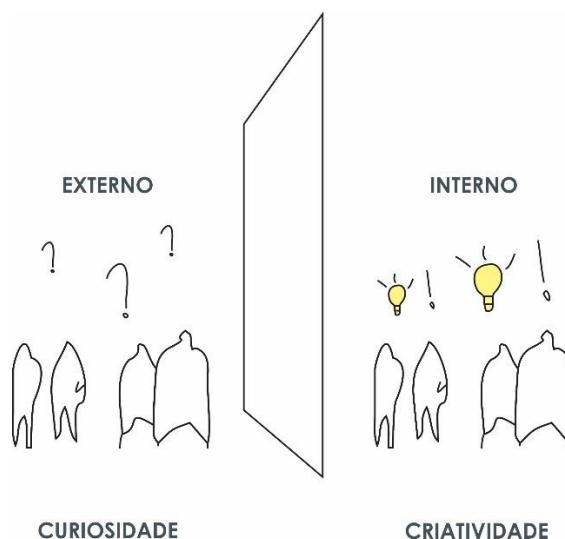
O objetivo deste projeto é proporcionar um ambiente inovador e inspirador para os profissionais da área criativa, com oficinas, laboratórios e escritórios apropriados para as atividades que serão realizadas no espaço.

Partindo disso, traçou-se algumas intenções e diretrizes de projeto, bem como um conceito abstrato, cujo objetivo é materializar-se em arquitetura no Trabalho Final de Graduação.

### 8.5.1 Despertar a curiosidade e instigar a criatividade

A intenção de projeto mais importante desenvolvida para o *Coworking* da Indústria Criativa, é da sensação que a edificação e os espaços internos devem passar ao usuário. Uma vez que os *coworkers*, neste caso, são predominantemente pessoas da indústria criativa, busca-se despertar duas sensações: curiosidade e criatividade.

**Figura 54 - Intenções representadas de forma abstrata**



Fonte: Autora (2018)

A curiosidade será despertada nos espaços externos à edificação, materializando-se na fachada mais neutra, fazendo com que as pessoas queiram entrar na edificação e descobrir o que se passa lá. Já a criatividade estará presente em todos os ambientes internos, inspirando os usuários a criarem e inovarem em seus trabalhos e estudos.

### 8.5.2 Conceito

Visando contemplar as diretrizes e intenções de projeto (curiosidade e criatividade), desenvolveu-se um conceito para o mesmo (Figura 55).

**Figura 55 - Conceito desenvolvido para o projeto**

“A MENTE QUE SE ABRE A UMA NOVA IDEIA JAMAIS VOLTA AO SEU TAMANHO ORIGINAL”  
ALBERT EINSTEIN



Fonte: Autora (2018)

Utilizou-se como inspiração a frase de Albert Einstein “a mente que se abre a uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original”, e fez-se uma alusão com o papel, que após amassado, nunca retorna a sua forma original (Apêndice C). Este conceito serve como uma forma abstrata de representar as intenções e diretrizes desenvolvidas para o projeto.

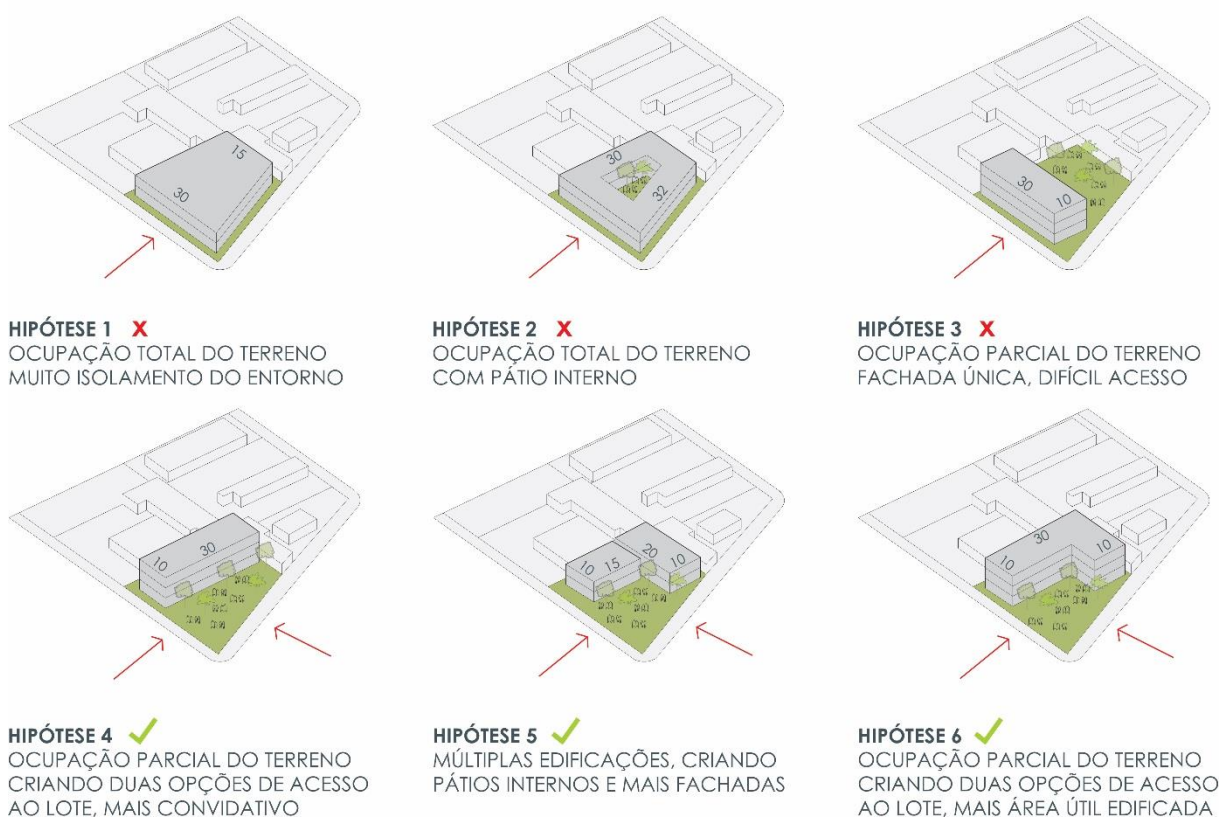
## 8.6 HIPÓTESES DE OCUPAÇÃO

Após desenvolver e compreender os itens desta pesquisa, foi possível chegar a um estudo de hipóteses de ocupação, utilizando todo o conhecimento aprendido. Este estudo é apresentado na forma de diagramas esquemáticos (Figura 56), representando as hipóteses de partido de projeto, utilizando como base o pré-dimensionamento apresentado no item 8.2 desta pesquisa.

**Figura 56 - Hipóteses de ocupação do lote**

### HIPÓTESES DE OCUPAÇÃO

ÁREA TOTAL DAS HIPÓTESES: 1200 m<sup>2</sup> (CONFORME PRÉ DIMENSIONAMENTO)



Fonte: Autora (2018)

Para desenvolver estas hipóteses utilizou-se volumes que contemplassem uma área total de 1200 m<sup>2</sup>, distribuídos de formas distintas no lote. Fez-se distribuições mais simples e mais elaboradas, com o intuito justamente de passar pelo processo de tentativa e erro, considerando todos os estudos importantes para o processo (mesmo aqueles que não foram bem sucedidos).

Verificou-se que as três primeiras hipóteses, mesmo sendo viáveis por sua área útil, acabaram isolando a edificação do entorno. Como o conceito de *coworking* é colaborativo e interativo, estas hipóteses foram descartadas. Já as três últimas hipóteses começaram a demonstrar um partido mais convidativo e interativo em relação ao entorno, sendo então as escolhidas para a continuação dos estudos (Figura 57).

Figura 57 - Evolução das análises de hipóteses de ocupação

## HIPÓTESES DE OCUPAÇÃO

EVOLUÇÃO DAS ANÁLISES, COM SETORIZAÇÃO DOS ESPAÇOS



Fonte: Autora (2018)

Após análise de viabilidade das hipóteses, aplicou-se a setorialização sobre elas, onde é possível verificar as proporções de forma e um início de zoneamento para o lançamento da proposta.

## CONCLUSÃO

Após percorrer os conceitos relacionados ao *coworking*, foi possível entender melhor não só o que tange a arquitetura desta modalidade, mas também a economia, o consumo e a própria indústria criativa.

O que se pode concluir deste estudo, é que ainda há muito a ser descoberto em relação a isso. E para entender a arquitetura não basta apenas entendê-la como projeto, mas como um elemento articulador, uma resposta aos assuntos da sociedade. E neste caso, observa-se que os espaços compartilhados são uma resposta arquitetônica ao consumo colaborativo, arquitetura que acompanha a evolução da economia.

Para aplicar os assuntos estudados, no desenrolar desta pesquisa, estudou-se um lote e hipóteses de ocupação, as quais ainda precisam de refinamento, mas já levantaram diversos questionamentos e continuarão sendo analisados. Conforme já mencionado, considerou-se importante todo o processo de criação, sem descartar os passos de tentativa e erro, onde se aprendeu com eles.

Pode-se concluir que todo o percurso no desenvolvimento desta pesquisa foi muito engrandecedor, realizado com muita dedicação e entusiasmo, sendo uma monografia muito agradável de se produzir. Inclusive, este trabalho despertou ainda mais o interesse de continuar pesquisando sobre estes conceitos e desenvolver mais conteúdo sobre isso.



## REFERÊNCIAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050 – **Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2015.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 5626 – **Instalação Predial de Água Fria** – Dimensionamento de reservatórios. Rio de Janeiro, 1998.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9077 – **Saídas de emergência em edifícios**. Rio de Janeiro, 2001.

ARAÚJO, Denise Castilhos de; SCHEMES, Claudia. **A crise coureiro-calçadista no Vale dos Sinos**: a construção do Jornal NH. In: X CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 5., 2009, Blumenau. **Anais....** Blumenau: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0685-1.pdf>> Acesso em 19 mar. 2018.

ARCHDAILY. **Casa Pátio / Yaita and Associates**. 23 Outubro, 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/734137/patio-yaita-and-associates>>. Acesso em: 13 abril 2018.

ARCHDAILY. **Nagatino 2.0 Coworking Center / Ruslan Aydarov Architecture Studio**. 03 Abril, 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/492456/nagatino-2-0-coworking-center-ruslan-aydarov-archietcture-studio>>. Acesso em: 12 abril 2018.

ARCHDAILY. **Hubba-to / Supermachine Studio**. 03 Outubro, 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/796572/hubba-to-supermachine-studio>>. Acesso em: 13 abril 2018.

ARCHDAILY. **Leawood Speculative Office / El Dorado**. 18 Abril, 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/785670/leawood-speculative-office-el-dorado>>. Acesso em: 12 abril 2018.

BARCELLOS, Ekaterina E. I.; BOTURA JR, Galdenoro; RAMIREZ, Claudia Marcela Sanz. **A economia criativa no ambiente dos parques e incubadoras**. In: CONFERÊNCIA ANPROTEC DE EMPREENDEDORISMO E AMBIENTES DE INOVAÇÃO, 25., 19 a 23 out. 2015. Cuiabá. Anais...Brasília: ANPROTEC, 2015. Disponível em: <[http://anprotec.org.br/Relata/AnaisConferenciaAnprotec2015/ArtigosCompleto/ID\\_25-X.pdf](http://anprotec.org.br/Relata/AnaisConferenciaAnprotec2015/ArtigosCompleto/ID_25-X.pdf)>. Acesso em: 12 abril 2018.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando; WOOD JR.; Thomaz; KIRSCHBAUM Charles; CUNHA, Miguel Pina. **Indústrias Criativas**: definição, limites e possibilidades. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.49, n.1, p. 10-18. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n1/v49n1a03.pdf>>. Acesso em: 10 abril 2018.

BERNANDES, Maurício. **Tecnologia construtiva de piso elevado para áreas externas de edifícios**. São Paulo: EPUSP, 2009. 46 p. - (Boletim Técnico da Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil, BT/PCC/534). Disponível em: <[http://www.pcc.usp.br/files/text/publications/BT\\_00534.pdf](http://www.pcc.usp.br/files/text/publications/BT_00534.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2018.

BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. **O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo**. Porto Alegre, Bookman Editora, 2011. 241 p.

CAMPOS, João Geraldo Cardoso; TEIXEIRA, Clarissa Stefani; SCHMITZ, Ademar. **Coworking Spaces: Conceitos, Tipologias e Características**. In: Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação (CIKI), 5., 2015, Joinville. **Anais....** Joinville: EGC/UFSC, 2015. p. 691 - 719. Disponível em: <[proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/issue/download/2/ciKi2015-vol1](http://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/issue/download/2/ciKi2015-vol1)>. Acesso em: 01 set. 2017.

CHAMMAS, Adriana. **O perfil do consumidor criativo**. Revista Diálogo com a Economia Criativa, Rio de Janeiro, v.1, n.1., p. 3-12, 2016. Disponível em: <<http://dialogo.espm.br/index.php/revistadcec-rj/article/view/32/33>>. Acesso em: 11 abril 2018.

CBCA, Centro Brasileiro da Construção em Aço. **Construção em aço, vantagens**. 2018. Disponível em: <<http://www.cbca-acobrasil.org.br/site/construcao-em-aco-vantagens.php>>. Acesso: 06 jun. 2018.

DAVID, Leticia Scretas; GUILHOTO, Joaquim J.M. **O Potencial da Economia da Cultura no Brasil**. Departamento de Economia. FEA-USP. 2012. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/261359018\\_O\\_Potencial\\_da\\_Economia\\_da\\_a\\_Cultura\\_no\\_Brasil](https://www.researchgate.net/publication/261359018_O_Potencial_da_Economia_da_a_Cultura_no_Brasil)>. Acesso em: 18 mar. 2018.

EDELWEISS, Roberta Krahe. **Temporalidade e espacialidade no espaço de trabalho contemporâneo: O caso do Nós Coworking**. In: VASCONCELLOS, Juliano Caldas de; BALEM, Tiago. **Bloco (9): arquiteturas de trabalhar**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 155-161.

FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa - e seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011. Disponível em: <[http://www.lpm.com.br/livros/Imagens/a%20ascens%C3%A3o%20da%20classe%20criativa\\_12.pdf](http://www.lpm.com.br/livros/Imagens/a%20ascens%C3%A3o%20da%20classe%20criativa_12.pdf)>. Acesso em: 19 fev. 2018.

FOST, Dan. **'Coworking', a cooperative for the modern age**. 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/02/21/technology/21iht-cowork.1.10263648.html?mcubz=0http://www.cromoterapia.org.br/>>. Acesso em: 01 set. 2017.

GIBSON, Carter; HARDY, Jay H.; BUCKLEY, Ronald. **Understanding the role of networking in organizations**. *Career Development International*, Vol. 19 Iss 2 pp. 146 – 161. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/264351995\\_Understanding\\_the\\_role\\_of\\_networking\\_in\\_organizations](https://www.researchgate.net/publication/264351995_Understanding_the_role_of_networking_in_organizations)>. Acesso em: 27 mar. 2018.

ISNARD, Paulo; NEVES, Jorge Tadeu de Ramos; MESQUITA, José Marcos Carvalho de. **COWORKING**: Estudo bibliométrico no estabelecimento de um novo modelo de negócio. Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade. 2017. Disponível em: <<https://singep.org.br/6singep/resultado/89.pdf>>. Acesso em: 10 abril 2018.

JACKSON, Katy. **Making space for others**. 2013. 66 f. Dissertação (Mestrado). Hyper Island, 2013. Disponível em: <[http://www.makingspaceforothers.com/content/home/MakingSpaceForOthers\\_By\\_Katy\\_Jackson\\_sml2.pdf](http://www.makingspaceforothers.com/content/home/MakingSpaceForOthers_By_Katy_Jackson_sml2.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2017.

LEFORESTIER, Anne. **The coworking space concept**. 2009, 19 p. CINE Term Project. Indian Institute of Management (IIMAHM). Ahmedabad.

LIUBARTAS, Deborah *et al.* **A Sustentabilidade do aço e das Estruturas Metálicas/ Sustainability of steel and steel structures**. Journal of engineering and technology innovation - INOVAE, São Paulo, v.3, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/inovae/article/view/382/809>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

MACHADO, Gustavo. **Casa da Indústria Criativa**. Disciplina do Trabalho Final de Graduação. Universidade Feevale. Novo Hamburgo, 2014.

MANENTI, Leandro; STOCKER JÚNIOR, Jorge Luís; DUARTE, Maria Júlia Quadros. **Patrimônio x patrimonialização**: o patrimônio desprezado da “cidade industrial”. In: VASCONCELLOS, Juliano Caldas de; BALEM, Tiago. **Bloco (9): arquiteturas de trabalhar**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 118-129.

MASSA, Walker. **Os espaços de coworking**. Porto Alegre, Nós Coworking, 13 abril 2018. Entrevista concedida à acadêmica de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale Cátia Alessandra Flesch.

MEDINA, Paloma Fraga; KRAWULSKI, Edite. **Coworking como modalidade e espaço de trabalho**: uma análise bibliométrica. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v18n2/a06v18n2.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

MÜLLER, Alexan.; ALARCON, Orestes E. **Desenvolvimento de um sistema de fachada ventilada com placas cerâmicas de grês porcelanato voltado para a construção civil do Brasil**. 2005. Florianópolis, SC. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ce/v51n320/29532.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

NEUFERT, Ernest. **Arte de Projetar em Arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

NOVO HAMBURGO. **Lei Complementar nº 608, de 05 de Novembro de 2001. Código de Edificações**. Disponível em: <[https://www.novohamburgo.rs.gov.br/arquivos/File/legislacao/Estrutura\\_Tecnica.pdf](https://www.novohamburgo.rs.gov.br/arquivos/File/legislacao/Estrutura_Tecnica.pdf)> Acesso em: 13 abril 2018.

NOVO HAMBURGO. **Lei Municipal Nº 1.216-2004. Plano Diretor Urbanístico Ambiental de Novo Hamburgo – PDUA.** Disponível em: <[https://www.novohamburgo.rs.gov.br/arquivos/File/PlanoDiretor/LEI\\_MUNICIPAL\\_1216\\_2004.pdf](https://www.novohamburgo.rs.gov.br/arquivos/File/PlanoDiretor/LEI_MUNICIPAL_1216_2004.pdf)>. Acesso em: 13 abril 2018.

NOVO HAMBURGO. **Plano Municipal de Cultura de Novo Hamburgo.** 2016. Disponível em: <[https://cultura.novohamburgo.rs.gov.br/arquivos/File/Plano\\_Municipal\\_de\\_Cultura\\_Final.doc](https://cultura.novohamburgo.rs.gov.br/arquivos/File/Plano_Municipal_de_Cultura_Final.doc)>. Acesso em: 03 mar. 2018.

OLIVEIRA, Bruno Miguel Machado de. **Mercados P2P e economia da partilha: perfil e motivações de quem participa no consumo colaborativo.** 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Economia - Universidade do Porto. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/108586/2/227815.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

QUINSON, E. **Collaborative consumption through new technologies.** Centria University of Applied Sciences, 2015. Disponível em: <<https://www.theseus.fi/bitstream/handle/10024/92504/FINAL%20WORD%20CORRECTED.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

RAYMOND, Santa, CUNLIFFE, Roger. **Tomorrow's Office: Creating Effective and Humane Interiors.** Grã-Bretanha: Spon Press, 2000.

RODRIGUES, et al. **Um espaço para o desenvolvimento interpessoal no trabalho.** 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a17.pdf>> Acesso: 13 mar. 2018.

SELBACH, Jeferson. **Pegadas Urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur.** Cachoeira do Sul: Edição do autor, 2006.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, SEBRAE. **Como montar um home office.** Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-home-office,c0287a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SILVEIRA, L. M.; PETRINI, M.; SANTOS, A. C. M. Z. D. **Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando?** Revista de Gestão, v. 23, n. 4, p. 298-305, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809227616306063>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

SISTEMA FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil.** Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://publicacoes.firjan.org.br/economiacriativa/mapeamento2014>> Acesso em: 13 mar. 2018.

UNCTAD/Conferência das Nações Unidas para Comércio e desenvolvimento. **Relatório de economia criativa 2010**. Nações Unidas, 2010.

UNESCO. **Creative Economy Report: Widening Local Development Pathways**, 2013. Special Edition. UNDP, New York e UNESCO. Paris, 2013. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/pdf/creative-economy-report-2013.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2017.

VALIATI, L.; WINK JUNIOR, M. **Indústria criativa no Rio Grande do Sul: síntese teórica e evidências empíricas**. 2.ed. Porto Alegre: FEE, 2013. Livro eletrônico. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/20140312mapeamento-da-industria-criativa-no-rs.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

SPINUZZI, C. **Working alone together**: coworking as emergent collaborative activity. 2012. *Journal of Business and Technical Communication*, 26 (4), 399-441.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO INDÚSTRIA CRIATIVA

**Questionário voltado a profissionais da Indústria Criativa, nos segmentos: Arquitetura, Design, Moda ou Publicidade.**

Estes dados serão utilizados na disciplina Pesquisa do Trabalho Final de Graduação, cujo será apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Feevale.

É rápido, fácil e anônimo! Sua participação ajuda MUITO!

Muito obrigada. \*Obrigatório

**Qual sua área de atuação? \***

- Arquitetura e Urbanismo;
- Design;
- Moda;
- Publicidade.

**Você já trabalhou com outros profissionais da Indústria Criativa? \***

- Sim;
- Não.

**Se não, trabalharia? \***

(Resposta dissertativa).

**Você trabalha ou já trabalhou em Coworking? \***

- Sim;
- Não.

**Se sim, o que mais gostou nesse tipo de espaço? Por quais motivos?**

(Resposta dissertativa).

**Se ainda não trabalhou, se interessaria por esse tipo de espaço? Por quais motivos?**

(Resposta dissertativa).

**Você trabalharia em um Coworking com instalações voltadas à Indústria Criativa? \*** (Espaço de trabalho compartilhado com outros profissionais da área, promovendo o Networking, parcerias e troca de experiências. E também, um espaço para instigar a criatividade dos usuários.)

- Sim;
- Não.

## APÊNDICE B - ENTREVISTA COM O SR. WALKER MASSA

1. Para você, quais os maiores benefícios de se trabalhar em um espaço compartilhado?
2. Qual o espaço mais importante do *coworking*?
3. Qual espaço extra você adicionaria ao projeto de um *coworking*?
4. Qual público mais procura os serviços disponibilizados por seu *coworking*?
5. Você vê potencial no desenvolvimento de um espaço somente para profissionais da área criativa (Arquitetura, Design, Moda e Publicidade)?
6. Na sua opinião, o que seria indispensável para a concepção de um *coworking* da indústria criativa?

## APÊNDICE C - REPRESENTAÇÃO DO CONCEITO

**“A MENTE QUE SE ABRE A UMA NOVA IDEIA  
JAMAIS VOLTA AO SEU TAMANHO ORIGINAL.”**

ALBERT EINSTEIN